

# **Eclesiologia: O Reinado de Deus na Terra**

*Um estudo preliminar das doutrinas centrais referentes à temática da igreja como resposta ao contexto evangélico riograndense e os tratamentos sistemáticos norteamericanos existentes no mercado evangélico brasileiro. Material preparado para uso em aula de teologia sistemática com alunos do Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul.*

**Apostila preparada por:**

**Christopher B. Harbin**

**Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul**

**Edição impressa sem gráfica: janeiro 2006**

©Copyright 2002 por Christopher Byron Harbin.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta apostila pode ser reproduzida sem autorização do autor. Citações breves para fins acadêmicos com referência são permitidas.

O autor pode ser contatado conforme abaixo:

[harbin@teamgaucho.org](mailto:harbin@teamgaucho.org)

<http://www.teamgaucho.org/harbin>

<http://www.rocksbc.org>

RR1 Box 80A

Pamplin, VA 23958

E.U.A.

# **Eclesiologia**

## **O Reinar de Deus na Terra**

### ***Panorama do Estudo:***

Neste texto, procurar-se-á oferecer ao aluno uma introdução à eclesiologia, estudo teológico referente à igreja. Será dado enfoque aos assuntos da natureza e propósito da igreja e seu relacionamento com o reinar de Deus, bem como algum material de apoio ao crescimento da mesma. Este estudo é apenas um levantamento inicial, pois para cada subponto a ser levantado há muito mais para se dizer e analisar. Nem todo aspecto necessário ao estudo será abordado nesta apostila por questão de brevidade. Por esta razão, o apoio de leituras paralelas e uma ênfase no diálogo com práticas normativas na procura de uma metodologia e compreensão eclesiástica em conformidade com os parâmetros bíblicos será indispensável. Lembra-se ao aluno que o texto essencial para ser estudado é a própria Bíblia, os livros textos sugeridos servirão de apoio na sistematização do assunto.

Como também para todo esforço teológico, é essencial que cada indivíduo invista para aplicar a teologia à sua realidade específica. Não basta ter as respostas de outras épocas concernentes às dúvidas e inquietações de outros contextos. Importa saber aplicar o conhecimento teológico para dar resposta apropriada aos assuntos do dia-a-dia e da vivência do indivíduo em sua sociedade. Tratando-se do assunto de eclesiologia, a ênfase na aplicação é até maior do que em outras áreas da pesquisa teológica, pois trata-se de formas estruturais. Estas formas têm muito a ver com contextos históricos específicos, incluindo estruturas e questionamentos institucionais que têm variado muito ao longo dos séculos.

Em cada etapa da história e desenvolvimento da igreja, têm surgido necessidades de modificações organizacionais específicas para facilitar que a igreja cumprisse com o seu propósito. O livro do Rick Warren (*Igreja com Propósitos*) tem muito a ver com essa noção em termos de fixar a atenção da igreja local no papel que ela tem a cumprir. Essa perspectiva de olhar o propósito estabelecido para a igreja deve reger também o estudo teológico da eclesiologia. Assim, tratando da missão ou propósito e a natureza da igreja, fornecemos uma base para investigações referentes aos métodos e estruturas para facilitar que a igreja cumpra com a sua missão designada.

Este, portanto, será o alvo do estudo presente: descobrir a definição bíblica referente à natureza e missão da igreja, para que se possa estudar com mais atenção as formas e os métodos a serem empregados no cumprimento da tarefa. Uma vez que a definição de natureza e missão forem delineadas, podem-se medir questões organizacionais e metodológicas em consideração ao alvo a ser atingido.

### ***Livros Textos:***

Apresentar-se-á neste trabalho um resumo parcial dos conteúdos elaborados pelos autores referidos, como também uma crítica ou complemento a certas posições tomadas e levantadas. Cabe ao leitor analisar as propostas fornecidas e elaborar as suas próprias conclusões para adequar a sua prática e compreensão ao testemunho bíblico. Diálogos com perspectivas e propostas diversas ajudarão o leitor a ter uma compreensão melhor da natureza e do papel da igreja. Assim terá mais facilidade para aplicar os ensinamentos bíblicos às realidades de suas próprias comunidades de fé—o povo de Deus

reunido para cumprir a sua missão. Indica-se os seguintes livros para um acompanhamento do estudo aqui elaborado:

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). [Esta obra é um resumo simplificado da obra mais completa *Christian Theology*.] (páginas 437-475).

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Traduzido por Gerson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (Original em inglês, 1988). (páginas 33-42, 87-98, 112-120, 133-158, 233-244, 257-274, 283-295, 300-303, 311-317).

GETZ, Gene. *Igreja: Forma e Essência, O Corpo de Cristo pelo Ângulo das Escrituras, da História e da Cultura*. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (páginas 53-61, 309-323, 347-357).

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Traduzido por Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, e Eduardo Perreira e Ferreira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1994). (páginas 715-728, 733-742, 744-755, 758-792, 801-812, 814-829, 834-844, 847-856, 859-886, 892-920).

HORRELL, Scott. Ed. *Ultrapassando Barreiras, volume 1*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998. (páginas 29-41, 109-118, 137-154).

HORRELL, Scott. Ed. *Ultrapassando Barreiras, volume 2*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998. (páginas 15-28, 71-86, 141-151).

## ***Introdução Geral:***

É necessário antes de começar o estudo específico da eclesiologia primeiramente tratar algo da problemática associada à disciplina. Com esse pano de fundo pode-se melhor tratar a matéria a ser estudada. Toda teologia é elaborada sobre alguma base pré-estabelecida. Clarificando esta base sabe-se melhor como avaliar ou analisar as conclusões formuladas nas etapas finais do estudo.

## **Problemas em tratar Eclesiologia:**

Definição do Termo: Do grego vem o termo igreja que se usa em vários contextos e com vários sentidos no português. O termo pode vir a designar uma congregação local, uma denominação, uma causa, a igreja de caráter universal ou “invisível” ou até um prédio onde se reúne um grupo de adoradores. Em cada contexto deve-se assegurar qual o uso que se faz do termo. Usaremos aqui como definição prática de igreja, “*um agrupamento de crentes que vivenciam um relacionamento de dependência (fé) em Jesus Cristo, unindo-se para cumprirem a missão entregue por Deus*”.

Institucionalismo: Na Bíblia, a igreja não é uma instituição, mas um organismo vivo que se vai transformando em termos organizacionais. De certa forma a igreja é, conforme implicação de Romanos 9.25 e 1ª Pedro 2.9-10, o povo de Deus em desenvolvimento. Logo, ao tratar da igreja, é necessário tratar de dois aspectos da mesma: o organismo e a estrutura organizacional que se vem desenvolvendo naturalmente. Esta é necessária, mesmo que não deva ser vista como o aspecto principal.

Origem Bíblica do Termo para Igreja: O texto bíblico no português usa o termo igreja, mas as conotações originais do termo muitas vezes estão perdidas na tradução. O conceito básico do termo hebraico *qahal* (קהל) e também do grego *ekklesia* (ἐκκλησία) é de uma assembleia, tratados por muitos no sentido de “comunidade”. Geralmente se pensa em termos de haver uma convocação de caráter político, sendo uma reunião do povo para decidir ou ouvir decisões de importância geral para o mesmo. Não existe no Antigo Testamento o que propriamente se chamaria de igreja, já que o conceito é do povo como um todo pertencendo a *YHWH* (יהוה) como nação. Nesse contexto,

emprega-se o termo hebraico *‘edhah* (עֲדָה), que designa o povo de Deus, seja reunido ou não. Na época do exílio, o termo *qahal* (קָהָל) vem a ser empregado com esse mesmo uso também, mas nunca como uma instituição<sup>1</sup>. No caso do Novo Testamento, quando se trata da igreja em sentido universal ou mesmo local o termo usado é normalmente algo como “santos” ou “eleitos”, em lugar de “igreja” (*ekklesía*), aproveitando também expressões como “noiva” ou “povo de Deus” especialmente ao tratar da igreja em sentido universal. Portanto, é necessário ter cuidado ao procurar sistematizar ensino bíblico a partir de um estudo do emprego do termo bíblico “igreja”, já que o conceito igreja é comumente tratado com outros vocábulos e o uso que se faz do termo igreja nem sempre é o que se espera a partir do português.

Linguagem Figurada: A Bíblia está repleta de figuras para ajudar o leitor a compreender conceitos espirituais. A exemplo deste fato, João capítulo 3 registra o diálogo entre Jesus e Nicodemos, o qual não compreendia as palavras de Jesus. Este explicou-lhe o conceito de três formas diferentes para que pudesse compreender uma verdade espiritual que fugia de sua experiência. Tratou de ser necessário nascer de novo, especificou uma distinção entre a existência física e espiritual e logo tratou um exemplo de confiança em Deus como a única saída para a vida.

Assim também o ensino bíblico referente à eclesiologia é expresso na Bíblia utilizando várias figuras que ajudam a transmitir o ensino, mas que não devem ser forçadas a obedecer uma interpretação de caráter rígido, por questão dos limites da linguagem figurada. Quando Jesus aproveita o termo “reino”, obviamente não pretende tratar do exercício teocrático de uma estrutura governamental sobre a terra. Quando o texto bíblico trata dos portões do inferno não prevalecerem contra a ofensiva da igreja, também não se deve preocupar em definir um local geográfico com muros e portões em volta do inferno. São figuras que servem para ilustrar o conceito especificado, não descrições de caráter literal. Em qualquer estudo bíblico, e portanto teológico, deve-se respeitar estas formas de expressão, não forçando cada palavra a exprimir somente um sentido descritivo literal.

Formas e Propósitos: Em certos casos do estudo da disciplina, encontrar-se-á certas formas de organização ou estrutura na Bíblia que divergem da prática comum atual. Deve-se fazer em tais casos uma avaliação do propósito da forma, estrutura, cargo ou atividade descrita. Tal propósito pode estar sendo desenvolvido com outra metodologia, estrutura ou forma na igreja atual, sem que haja qualquer incompatibilidade com o ensino bíblico. Em tais casos, não há necessidade de alterar a prática atual, desde que esta esteja cumprindo com o seu propósito devido, sempre em conformidade com o encaminhamento bíblico. Em alguns casos, pode ser que os cargos e formas organizacionais usem de estratégias bem parecidas à forma original. Deve-se novamente olhar para a questão do propósito a cumprir. Uma forma ou estrutura pode capturar a essência de seu propósito como também pode ser um desvio do mesmo. Deve-se procurar definir a razão da prática para averiguar se a continuidade é o mais devido, pois é sempre possível que até uma estrutura aparentemente igual à do Novo Testamento perca sua eficácia se apenas for reassentada no contexto atual. Em outros casos uma estrutura pode não ser prejudicial em si, mas pode tampouco estar contribuindo para o crescimento do reino de Deus. Se assim for, deve-se analisar bem para acertar que a estrutura tem um propósito a cumprir e que este seja coerente com a missão da igreja, não sendo um desvio de energias, mesmo que gostoso.

## ***Conceitos Especiais na Eclesiologia:***

No estudo de eclesiologia deve ser visto em especial certos conceitos específicos. Talvez o conceito mais importante a ser estudado é o conceito do “Reino de Deus”. Este conceito é também essencial

---

<sup>1</sup> STAGG, 181-182.

ao estudo da escatologia, mas será primeiramente tratado aqui, devido a sua aplicação em termos da vida da igreja como o povo de Deus. Em decorrência do tratamento aqui se aplicará depois no contexto escatológico.

## “O Reinado de Deus”:

A igreja autêntica existe como a concretização do reinado de Deus e não pode existir desvinculada deste reino. É na vida da igreja—o povo de Deus—que o reinado de Cristo tem forma e exercício. O conceito do Reinado de Deus é a categoria principal no estudo da escatologia<sup>2</sup>, porém é na igreja que este reino tem o seu começo e a sua concretização primária. “No Novo Testamento, o reino de Deus é principalmente o seu reinado nas vidas daqueles que se submetem à sua autoridade”<sup>3</sup>. Logo o termo “reino de Deus” pode ser definido como o Seu “governo *em ação*”<sup>4</sup>, ou o “reinar de Deus”<sup>5</sup>.

Segundo as declarações de Jesus, o Seu reinado já é “uma realidade na história humana”<sup>6</sup>. Deus já reina entre o povo, mesmo que não de forma política ou teocrática no sentido ideal da aliança sinaitica. O povo de Israel dava muita ênfase à questão de viverem diretamente sob o reinado de *YHWH*, mas pode-se ver que esta realidade nunca teve uma concretização plena. Quando as multidões queriam fazer de Jesus o seu rei, Ele não aceitou tal proposta por ser um desvio completo do propósito maior do seu ministério<sup>7</sup>. Perante Pilatos, negou de novo que seu reino fosse como os reinos deste mundo<sup>8</sup>. O seu reinado era uma questão do interior, não da relação nacional externa<sup>9</sup>. João, o Batista, chamou o povo judeu a se tornarem filhos de Abraão e não confiarem em sua herança nacional<sup>10</sup>, mas Jesus leva o conceito mais adiante, rejeitando a idéia da identificação do Messias com um rei de força política<sup>11</sup>, enfatizando a aceitabilidade dos rejeitados pela sociedade<sup>12</sup> e a transformação interior do indivíduo<sup>13</sup>.

De modo igual, a igreja deve espelhar o compromisso interno de cada indivíduo para aceitar a sua participação e integração no povo de Deus. Este compromisso é uma questão da aplicação do reino na vida do indivíduo. A igreja é por consequência o agrupamento ou reunião dos membros ou cidadãos do reino. ***A igreja não é o reino, mas ela é criatura ou veículo para a extensão do reinado de Deus.*** O reinado de Deus na vida humana cria a comunidade pertencente ao reino, a qual chamamos de igreja.

A fé bíblica não é institucional<sup>14</sup>, porém é indiscutivelmente comunitária<sup>15</sup> enquanto individual<sup>16</sup>, e é nesse contexto que o reinado de Deus existe no mundo. O reino começa na vida do indivíduo, mas é levado adiante no contexto comunitário do reinado de Deus. “A relação entre a igreja e Cristo é de fato muito íntima; trata-se de uma espécie de união orgânica, pela qual nos unimos a ele em nossa

---

<sup>2</sup> MILNE, 259.

<sup>3</sup> Brooks em HEMPHILL, 21. Veja Mateus 6.10; Marcos 10.21, 23, 26; e João 3.3.

<sup>4</sup> MILNE, 259

<sup>5</sup> MOODY, 516.

<sup>6</sup> MILNE, 260.

<sup>7</sup> João 6.5-15.

<sup>8</sup> João 18.30-38.

<sup>9</sup> Lucas 17.20-21 e Romanos 14.17.

<sup>10</sup> Mateus 3.1-12.

<sup>11</sup> Lucas 7.18-23.

<sup>12</sup> Lucas 18.1-27.

<sup>13</sup> Mateus 5.1-7.29.

<sup>14</sup> Veja seção adiante sobre Institucionalismo Eclesiástico, na página 21.

<sup>15</sup> MILNE, 216.

<sup>16</sup> Veja os exemplos bíblicos de Abraão, José, Josué, Gideão, Davi, Elías, e Eliseu que atuavam de forma distinta da comunidade ao seu redor, vivenciando uma realidade religiosa pessoal em contraste com cultos e práticas corporativas.

vida e nosso ser”<sup>17</sup>. Pode-se falar desta união em termos individuais, mas a Bíblia também trata da união seriamente em termos do corpo inteiro da *ekklesia* de Deus.

O Reinado não é apenas uma realidade que se aproxima no contexto do ministério terreno de Jesus, mas é também algo que é concretizado<sup>18</sup>. É um tanto impreciso marcar a data da inauguração do reino, mas pode-se entender a inauguração no evento de pentecostes—a festa dos primeiros frutos. É de interesse notar que Lucas nunca aplica o termo *ekklesia* no seu evangelho, mas emprega o termo em Atos. É na descrição do evento de pentecostes que Lucas aparentemente vê inaugurado o reino, agora empregando o vocábulo *ekklesia* em relação àqueles que aceitam o reinado de Deus em suas vidas através de Cristo. Aqui, o reinado de Deus tem uma ferramenta ou vivência concreta na igreja que surge. Esta igreja é ferramenta do reino para levar a mensagem do reinado de Deus perante todas as nações em conformidade com Atos 1.8.

O chamado “reinar de Deus” e o “reinar dos céus” são precisamente a mesma coisa. “‘Céu’, no primeiro século, era um sinônimo comum de ‘Deus’ entre os judeus piedosos, que consideravam o nome de Deus demasiado santo para ser pronunciado”<sup>19</sup>. Compreendiam que Levítico 24.16 impedia a pronúncia do nome de Deus, tal para evitar cair em juízo<sup>20</sup>. Os termos para céu no hebraico e grego, “שמים e οὐρανός são usados basicamente de três maneiras na Bíblia”: referindo-se à estrutura do universo; como sinônimo de Deus e como a morada de Deus<sup>21</sup>. Olhando para Lucas 15.18, pode-se ver claramente que esta referência é feita especificamente a Deus, não à expansão estrutural acima das nuvens, pois o filho havia pecado contra os próprios mandamentos de Deus.

É comum haver certa confusão referente ao Reinado, especialmente em termos de seu tempo. Nos evangelhos, o reinado de Deus é tratado simultaneamente em tempo presente e futuro, mesmo que em sua maior parte seja tachado em termos de uma expectativa futura:

*[Mateus 12.28 e Lucas 11.20] aparentemente indicam que o reino não apenas está perto, mas que há realmente chegado. ... O reino está perto no sentido de que não há sido consumado; está presente no sentido de que o poder de Deus que o caracteriza havia começado a manifestar-se nas palavras e ações de Jesus e continua a fazer o mesmo na igreja*<sup>22</sup>.

Quando a Bíblia trata de épocas após o ministério de Jesus, visa menos futuridade do que quando referencia o reino em época do seu ministério. Ao mesmo tempo, permanece a expectativa de um complemento à realidade do reino já experimentada nas vidas dos crentes. Tal expectativa, porém, encontra a sua expressão na base daquilo que Jesus já havia realizado.

*“A confissão cristã não é apenas de que Cristo virá ao final da história, mas que Cristo já veio; não apenas que a salvação espera o crente no futuro escatológico, mas que a salvação já é experimentada, numa forma antecipatória, porém real, no aqui e no presente, no meio de problemas e não apenas ao seu fim. ... O presente é moldado não apenas pelo passado, mas também pelo futuro de Deus”*<sup>23</sup>.

Jesus pregava muito referente ao reinado de Deus. Em consequência, esse reinado é uma temática especial dos evangelhos sinópticos, porém principalmente do livro de Mateus, onde encontra-se a terceira parte das referências neotestamentárias ao Reinado de Deus/dos céus<sup>24</sup>. Os discípulos

<sup>17</sup> MILNE, 218.

<sup>18</sup> Brooks em HEMPHILL, 26.

<sup>19</sup> MILNE, 260.

<sup>20</sup> BERKHOF, 48.

<sup>21</sup> ERICKSON, *CT*, 1226.

<sup>22</sup> Brooks em HEMPHILL, 28-29.

<sup>23</sup> BORING, 33.

<sup>24</sup> Brooks em HEMPHILL, 23.

continuaram a temática do reinar divino, como vemos na preservação sinóptica do ensino. Para Jesus, a temática era urgente. Ele queria preparar os discípulos para esta vida. “O reino estava vindo, e o único aspecto especialmente ressaltado foi o arrependimento.... Em comparação com o reino [de Deus], nada realmente tem valor”<sup>25</sup>.

A ênfase de Jesus sobre o reinar visava a clarificar e oferecer resposta a dois erros essenciais—a preocupação em termos judiciais com o mundo por vir que se desvinculava da interiorização dos princípios do reinar de Deus e a expectativa messiânica politizada dos judeus da época. A ênfase de Jesus não recai sobre rituais de ingresso ao reinar, mas no viver esta qualidade de vida expressa na frase “vida das eternidades”. O elemento essencial desta vida é a sua declarada dependência de Deus para suprir todas as necessidades daquele que se entrega a serviço do reino. O ingresso no reinar era muito importante no seu ensino, mas em sentido de alerta para que o indivíduo verificasse que ingressaria no reinar. O judeu que procurava pela politização do reinar de Deus não encontrava consolo nas palavras de Jesus, pois as características do viver sob o reinar de Deus eram contrárias às expectativas de libertação política e da dominância dos opressores. Viver esta condição de vida entregue a Deus é a salvação que Jesus oferece. O reinar de Deus já começou, mas não acaba neste lado do túmulo. A salvação não é apenas futura—ela oferece o meio de viver no presente sob o senhorio divino, já desfrutando de comunhão íntima com Deus. A vida das eternidades já começou a ser vista e vivenciada na vida do povo que ingressa neste reinar de Deus. No outro lado da morte é apenas mais vívida e direta.

Em outras partes do Novo Testamento, o ensino direto sobre o reinar não vem a ser tão notório, mas é o ensino referente à vida no reino que gera a moral e a ética na prática da vida cristã tão visível nas epístolas paulinas e joaninas, bem como a carta de Tiago<sup>26</sup>. Em Apocalipse, encontra-se uma mensagem referente ao reino semi-invisível de Cristo, colocado como sendo a realidade maior do que o reino visível do governo imperial. A mensagem do Apocalipse é um chamado para respeitar o reinar de Cristo com toda sinceridade, mesmo que não se possa enxergar o Seu reino tão claramente.

Deve-se ter sempre presente que o ensino de Jesus referente ao reinar de Deus vinha responder as preocupações messiânicas judaicas referente a um reino político terrestre. O anelo dos discípulos registrados em Atos 1.6 é o clamor do judeu que esperava a independência da nação da opressão política romana: “Senhor, é neste o tempo que restauras o reinar a Israel?” Mesmo depois da ressurreição era difícil para que compreendessem o caráter desse reinar do qual Jesus tanto falara. Jesus havia dito a Pilatos que o seu reinar não era deste mundo, mas era uma mensagem difícil para os discípulos compreenderem.

Criticar os discípulos é fácil, pois já vivenciamos que não houve a inauguração de um país teocrático com Jesus atuando politicamente. Mesmo assim, é difícil compreendermos o reinar de Deus, pois insistimos em designar o reinar em termos da história política humana. O reinar que Jesus pregou é de caráter interior, uma vida entregue aos cuidados de Deus. Ingressa-se no reinar divino ao aceitar o pacto ou aliança oferecido por Jesus. As exigências desse reinar são contrárias aos valores da sociedade à nossa volta, pois são valores espirituais e relacionais, não materiais e físicos.

O reinar de Deus depende de uma entrega relacional a Deus como Pai amoroso. Depende de uma obediência e disposição de desprender-se do ego, procurando dar primeira importância aos demais, mantendo-se em último lugar. É um relacionamento de confiança e desprendimento, um desprendimento que concede a oportunidade para servir ao próximo em amor e sinceridade.

---

<sup>25</sup> ERICKSON, *OCnE*, 22.

<sup>26</sup> No grego, o nome é Jacobo, ou seja Jacó. Por tradição é colocada no Português como Tiago, mas não é a melhor tradução do nome.

O discípulo fiel pode servir e doar-se ao próximo, pois a sua vida não pertence a si, pertence a Deus. Este pode perdoar a ofensa feita a si, pois não defende privilégios e direitos pessoais. Pode doar a sua capa, caminhar mais uma milha, oferecer a outra face, e até amontoar brasas vivas para ajudar o inimigo preparar o seu fogo, pois nada lhe pertence. O cidadão que tem Jesus como seu Rei pode dispor sua vida a serviço do próximo, pois não é nada mais do que mordomo das bênçãos de Deus. Como o reinar de Cristo não pertence a este mundo, também o cidadão do reinar de Cristo aceita pertencer a outro mundo e outro padrão de vida e valores.

O reinar de Deus é interno e difícil de definir, pois é como a real adoração de Elias, um de sete mil que não haviam dobrado os seus joelhos a Baal, mesmo quando a nação se tornara idólatra. O rei de Israel não seguia em retidão, mas *YHWH* (יהוה) ainda reinava na vida de alguns. Dois reinados existiam em Israel, mas apenas alguns disfrutavam da realidade do reinar de Deus. É essa qualidade de reinar que Jesus inaugurou. Não o externo, mas a entrega interna para seguir a Deus em fidelidade, confiança e dependência.

O reinar de Deus já foi inaugurado. Já é hora de optar pela cidadania celestial. É uma cidadania a ser prestigiada e vivida já e para todo sempre.

### “Missão”:

Se o reinar de Deus é importante para o estudo da eclesiologia, a “missão” é essencial para a aplicação do reino. O reinar de Deus implica em deixar que Deus cumpra a Sua missão entre aqueles que pertencem ao reino. É a aceitação das responsabilidades da missão que introduzem o indivíduo ao reinar de Deus. Existe um duplo enfoque da missão em seu relacionamento com o reinar de Deus: a missão tem aspecto interior—a aplicação pessoal do ensino e da vida do reinar de Deus; e o seu aspecto exterior—o levar a mensagem do reinar de Deus aos demais.

O aspecto interior da missão da igreja visa a preparar os integrantes para a sua missão externa. Esta preparação é ativa, como se pode ver no modelo de Jesus, enviando os seus discípulos em mais de uma instância para cumprir com exigências da missão exterior. Vale lembrar que os discípulos eram indivíduos menos do que qualificados, especialmente ao ver que, mesmo depois da crucificação de Jesus, relutavam em aceitar que era necessário que Jesus morresse. Em pleno processo de discipulado, porém, mesmo com todas as suas falhas, Jesus os enviou mais de uma vez para levar adiante a sua mensagem do reinar de Deus. Mesmo o gadareno endemoninhado é enviado para pregar em toda a região de Decápolis (uma região de dez cidades) sem capacitação especial<sup>27</sup>.

Olhando para o lado exterior da missão da igreja, Moody coloca que a missão pode ser resumida em três aspectos especiais: “como *martyria* (testemunho), *diakonia* (serviço) e *koinonia* (comunhão)”<sup>28</sup>. São estas as tarefas que servem de base para compreender e cumprir a missão da igreja.

Deve-se lembrar de fazer distinção entre os termos “missão” e “missões”. Por “missão”, trata-se da *raison d’être* da igreja, seu propósito no mundo. Missão é um termo de importância suprema para a eclesiologia. Como fora observado, “não é a igreja que tem uma missão, mas é o inverso: a missão de Cristo criou a igreja. Não é a missão da igreja que se deve entender, mas o inverso”<sup>29</sup>. Mais do

---

<sup>27</sup> Marcos 3-6. Emprega-se o termo proclamar, cuja utilidade é coerente com o uso do verbo pregar no português. O contexto delimita o sentido para testemunhar, porém ao mesmo tempo implica um senso mais amplo do anúncio das boas novas na região de Decápolis.

<sup>28</sup> MOODY, 428.

<sup>29</sup> Moltmann em URETA, 189.

que deixar uma igreja, Jesus deixou uma tarefa a ser cumprida por seus discípulos. Esta missão gera estruturas para que ela possa ser levada adiante. Sem missão, a igreja não existe.

A missão é o propósito de efetivar o reinar de Deus dentro dos parâmetros da história. Mesmo que o conceito de “missões” esteja ligado intimamente à missão da igreja, o conceito é distinto. Missões tem a ver com os meios usados para levar adiante a missão externa da igreja entre todos os povos. A missão da igreja inclui também aspectos do amadurecimento e discipulado do indivíduo e da igreja local como um corpo. Mesmo que a tarefa missionária seja de “discipular as nações”, o conceito “missões” reflete sempre a questão do envio de obreiros. A missão da igreja, por outro lado, é mais global já que inclui a obra missionária como um aspecto do propósito eclesial. A missão não requer por si a questão do envio, mas do cumprir com o propósito de discipular.

Voltando à colocação de Moody dos três aspectos da missão, a questão do testemunho rege o enfoque central da aplicação. “O testemunho é a missão central da igreja em todas as situações”<sup>30</sup>. Este testemunho inclui o testemunho referente à pessoa e obra de Cristo, como também os demais aspectos da aplicação da mensagem de Cristo no âmbito completo do Seu ministério. Este testemunho é logo aplicado em parte através do serviço cristão como também no contexto da comunhão cristã. O enfoque triplo da missão é unificado em torno do primeiro aspecto de oferecer testemunho a Cristo, incluindo nesta definição todo o processo de discipular o ouvinte.

A missão da igreja deve ser estudada a sério, pois é o direcionador para cada aspecto da vida eclesial. As palavras de Jesus registradas em Mateus 28 e Atos 1 requerem que a igreja cumpra com a tarefa de discipular. Esta é a missão: ser testemunha de Cristo, discipulando todas as nações. O papel de testemunha no contexto de Atos 1.8 tem a mesma força do conceito de fazer discípulos em Mateus 28. De fato, são dois relatos das mesmas palavras de Jesus, numa mesma ocasião. O testemunho e discipulado especificados abrangem todo o ensino de Jesus em toda expansão étnica e geográfica. A missão da igreja deve reger todo o esforço, direcionando toda a atividade e estrutura para que ajude a cumprir com o propósito da igreja.

## Natureza da Igreja:

*“Onde, então, está a `verdadeira’ igreja entre a diversidade de tantas igrejas? A igreja é uma, pois Cristo é um. Aqueles que são unidos a Cristo são unidos à Sua igreja e um ao outro. A igreja é diversa porque nenhuma comunidade de fé ou comunhão de crença, nenhuma congregação ou denominação pode cumprir todo o evangelho tudo de uma só vez”<sup>31</sup>.*

Há uma certa tensão a ser mantida aqui entre a igreja em sentido local e universal, pois a igreja local é a expressão corpórea da igreja única em uma localidade específica. É a expressão da igreja única onde quer que ela seja encontrada<sup>32</sup>. A igreja local é expressão do todo—a igreja universal—e ao mesmo tempo uma expressão parcial.

*Diversas formas da igreja existem, não porque o evangelho é relativo ou ‘aguado’ para atingir cada possível circunstância, mas porque o evangelho é relevante, respondendo às divergentes necessidades de pessoas, culturas, e sociedades.... O que é a igreja? Em síntese, é uma comunidade histórica que começa com Deus e é fundada em Cristo Jesus. É testemunha ao Seu evangelho em seu culto e fé, trabalho e memória. Através do seu testemunho em palavra e serviço*

<sup>30</sup> MOODY, 429.

<sup>31</sup> LEONARD, 11 e 14-15.

<sup>32</sup> STAGG, 184.

*ela aponta não a si mas para Cristo.... A igreja está continuamente em processo. É uma noiva sendo preparada para Cristo (2a Coríntios 11.2); é uma comunidade de peregrinos, escolhidos, mas ainda não completos, sempre seguindo em direção à promessa do reino de Deus.... Fazer a pergunta 'O que é a igreja?' ... é procurar 'pela cidade que tem cimentos, cujo construtor e criador é Deus' (Heb. 11.10)"<sup>33</sup>.*

Ao tratar das definições do termo igreja algo foi dito já em relação à natureza da igreja. Nesta obra trata-se em geral a igreja em sentido universal, usando a congregação local para enfoque de sua aplicação e concretização. A igreja é um organismo vivo, a acoplação dos santos, o povo de Deus na face da terra. Nem todo membro da igreja local faz parte, e nem todo aquele que não faz parte de uma igreja local visível está fora da igreja. Como definição geral, aqui se aplicará ao termo o seguinte conceito: *"um agrupamento de crentes que vivenciam um relacionamento de dependência (fé) em Jesus Cristo, unindo-se para cumprirem a missão entregue por Deus"*.

A igreja é muito mais do que uma congregação local e é muito mais do que uma estrutura e instituição. Usa-se o retrato da igreja local como auxílio na visualização concreta do conceito, porém lembra-se a necessidade de olhar além dos aspectos institucionais, formais e estruturais. Toda a estrutura e organização elaborada pode ser benéfica, mas deve sempre ser associada ao propósito da igreja, missão que parte de sua verdadeira natureza. A Bíblia não estabelece um sistema organizacional para a igreja, nem contraria a sua elaboração. O que ela oferece é uma missão a ser cumprida.

É esta missão que deveria unir a igreja mais do que qualquer outro elemento individual. É por tal motivo, por exemplo, que as igrejas batistas desde sua origem começaram a se relacionar em associações e logo em convenções. Queriam estar unidos para melhor cooperarem no desenvolvimento das tarefas que a igreja local tinha dificuldade em cumprir sem apoio externo. É também nesse interesse que surge a necessidade de cooperação entre denominações para cumprirem em conjunto com certos aspectos da missão da igreja.

O ideal de união para a igreja nunca chegará a completa satisfação na terra, em função de posições teológicas diferenciadas entre grupos componentes da Igreja. Estas diferenças surgem de início em decorrência da incapacidade humana de plena compreensão da Bíblia em sua íntegra e da debilidade humana em compreender plenamente a vontade do Deus infinito, revelado em Cristo Jesus. As palavras de Jesus atingem não apenas os dois discípulos no caminho a Emaús, mas igualmente a todos os seus discípulos em todo tempo: "Ó néscios e tardos de coração para cred tudo que os profetas disseram!"<sup>34</sup>.

Apressando para atingir o alvo de união, cabe à igreja local e aos indivíduos que a compõem definir até que ponto pode haver sua cooperação e envolvimento com outros de perspectivas divergentes<sup>35</sup>. Dentro da igreja local, há algo da mesma necessidade, porém espera-se que os indivíduos de uma congregação poderiam mais facilmente cooperar entre si. A união esperada não é que todos sejam igualmente amigos íntimos, mas que todos tenham respeito cada um pelo outro e procurem atuar entre si em amor. Nestes parâmetros, é possível viver em harmonia e união para em conjunto cumprirem com a missão da igreja.

A união da igreja deve também ser vista no contexto do sacerdócio de todos os crentes. Como Lutero afirmava, não cabe distinção entre clero e leigo<sup>36</sup>. Todo membro da igreja deve ser ensinado

<sup>33</sup> LEONARD, 11 e 14-15.

<sup>34</sup> Lucas 24.25

<sup>35</sup> ERICKSON, 439.

<sup>36</sup> GEORGE, 96-98.

que tem uma responsabilidade sacerdotal em relação aos demais. Tal responsabilidade compreende o seu ministrar mesmo enquanto recebe a ministração de outros. Cada um deve interceder pelo outro e ensinar ao outro, até corrigindo quando for necessário. Não há razão convincente para limitar certas funções eclesíásticas a um clero oficial. A razão pela consagração de pastores deveria ser principalmente um ato de confirmação de confiança na vocação do ministro<sup>37</sup>. Em nada deve ser visto em termos de um exercício com exclusividade de práticas ministeriais. A missão da igreja é de todos. A igreja pode convocar indivíduos para funções especiais, mas tal convocação não elimina a responsabilidade dos demais membros. Serve como "forma pública pela qual alguém é comissionado mediante a oração, as Escrituras e a imposição de mãos, a fim de servir à congregação"<sup>38</sup>. Interessante é notar que no Novo Testamento são diáconos e missionários que são "comissionados", "consagrados", ou "ordenados", não sacerdotes ou pastores.

Algo da natureza da igreja é espelhado nas seguintes figuras: povo de Deus, corpo de Cristo, noiva de Cristo, esposa de Deus, templo do Espírito do Santo, santos, povo eleito, filhos de Deus, ramos da videira, galhos da oliveira, lavoura, horta, edifício, sacerdócio, nação santa, luzeiro, coluna e baluarte da verdade, lavradores da vinha, integrantes do reino de Deus e amigos de Jesus. Estas descrições e metáforas são usadas de formas diferentes, espelhando certos aspectos da natureza, do ideal, ou da dura realidade no cotidiano da igreja.

Uma das primeiras descrições ou metáforas aplicadas à igreja é a de povo de Deus. Com o uso desta frase, a perspectiva é de focalizar no relacionamento de dependência de Deus dentro dos limites da aliança estabelecida. Êxodo 19 assenta os elementos essenciais desta aliança e da designação de ser povo peculiar a *YHWH* (יהוה). Nestes mesmos termos encerra-se também as figuras de sacerdócio real, nação santa, povo adquirido, povo eleito e em parte referências à participação no reino de Deus.

No Antigo Testamento, o conceito de igreja é traçado em termos da nação como um todo ou de um remanescente, porém há modificações de tal idéia no Novo Testamento, partindo do desenvolvimento das referências a um remanescente fiel. É na base do conceito de Israel como o povo de Deus que o Novo Testamento desenvolve o seu ensino do povo de Deus em Cristo.

O Antigo Testamento utiliza muito a imagem da esposa, muitas vezes encerrado nos termos de prostituição. Vez por outra, a mensagem referida tem sentido duplo, já que o culto aos deuses dos povos ao redor de Israel era comumente associado a orgias e à utilização de prostituição nos próprios templos e altares pagãos. Quando o texto fala de prostituir-se com outros deuses, trata diretamente de questões de prostituição e lascívia sexual, mas o enfoque principal é a infidelidade de Israel a *YHWH*, sob a figura da relação matrimonial sendo violada pela esposa. O ideal da natureza da igreja é, no entanto, referido aqui no sentido de pureza relacional e fidelidade perante Deus. É este aspecto da natureza da igreja que normalmente vem sendo apontado na utilização dos termos esposa, noiva e também Templo<sup>39</sup>.

Outra agrupação de termos reflete a missão a ser desempenhada pela igreja. Estas designações como corpo e membros de Cristo, refletem a igreja como a presença visível e ativa de Deus na terra. A missão de estender o ministério de Cristo espelha-se nos termos como ramos da parreira, galhos da oliveira, lavradores da vinha, coluna e baluarte da verdade, luzeiro e sacerdócio real. Há também expressões parecidas sacadas da agricultura como lavoura, vinha e horta, mas estes termos refletem

---

<sup>37</sup> Veja Atos 6.2-6 e 13.1-5 onde certos indivíduos são separados para um serviço específico, mas que não vem a ser um ministério delimitado a um clero. Em Atos a imposição de mãos está relacionado à ordenação de diáconos (servos da igreja em sentido administrativo), missionários (Paulo e Barnabé), e o receber o Espírito do Santo. Em 1ª Timóteo 5.22 o emprego está incerto, mas o contexto imediato da passagem trata dos anciãos da igreja. Timóteo recebeu a imposição de mãos, mas este era missionário.

<sup>38</sup> GEORGE, 98.

<sup>39</sup> De vez em quando o termo edifício é também usado nestes termos.

mais a obra de Cristo nos integrantes da igreja, em conjunto com termos no sentido de edifício, construção e seu vínculo com colocações da obra de Cristo na igreja. Este agrupamento de termos reflete a natureza da igreja pelo seu aspecto do processo de desenvolvimento, chegando a cumprir com o propósito de Deus.

Tratando-se da questão de continuidade entre Israel e a igreja, deve-se lembrar da parábola de Jesus lançada aos fariseus, na qual ele os trata como lavradores maus, cuja posição e responsabilidade lhes são tomadas para serem entregues a outros<sup>40</sup>. Aqui é interessante notar que os fariseus compreenderam a mensagem de que o reino lhes seria tirado, mesmo se não aceitassem a palavra. Além desta passagem, lembra-se também as colocações no livro de Isaías referentes à missão de trazer todos os povos a cultuarem a *YHWH*<sup>41</sup>. Lembra-se que a Bíblia deixa abertura para que Israel se volte a Deus e novamente encontre o seu lugar dentro dos propósitos de Deus. Esta reintegração, no entanto, dependeria do arrependimento do povo.

A mensagem missionária referida por Jesus já havia sido expressa na aliança sinaítica, a qual, por sua vez, tem fundamento no propósito de Deus, registrado a partir de Gênesis 3<sup>42</sup>, para reconciliar consigo mesmo os seres humanos alienados em pecado<sup>43</sup>. Tal ensino é mais claro nos profetas como Isaías. Na aliança sinaítica, a proposta missionária era integral à identificação do povo como povo de *YHWH*. Esta condição foi quebrada por Israel inúmeras vezes. A única ressalva para o povo continuar sob a aliança era a misericórdia de Deus, pois eles já haviam rompido a aliança desde o deserto, mesmo antes de entrar na terra prometida.

A aliança entre o povo e *YHWH* é de certa forma frágil, pois dependia sempre da fidelidade do povo em obedecer ao pacto. "O termo aliança ... significou sempre uma aliança de *graça*, um acordo em que Deus tomava a iniciativa e determinava as condições"<sup>44</sup>. Era sempre pela graça divina que Deus iniciava a restauração da aliança rota pelo povo. Tal conceito está em todo o Antigo Testamento, porém é muitas vezes ignorado pela questão da insistência divina em re-estabelecer o pacto. No entanto, não havia nada que impedisse que *YHWH* desligasse o povo em preferência a outro<sup>45</sup>, senão por causa da promessa a Abraão. Mesmo essa promessa, porém, não implicava no povo permanecer para sempre como povo de *YHWH*. A promessa a Abraão foi de ser bênção às nações e de sua descendência ser multiplicada. A convocação do povo no Sinai foi estabelecida em termos condicionais. Era apenas necessário que o povo se multiplicasse e fosse utilizado como bênção a todas as nações, condição esta que se cumpriu em Jesus.

Grande parte da expectativa judaica referente ao Messias girava em torno de um reino político e geográfico. Jesus, no entanto, declarava claramente que o reino dele não era político<sup>46</sup>. Ele pregava o reinar de Deus no interior do ser humano, enfatizando que mesmo o jugo romano sobre Israel do seu dia não era tema de interesse<sup>47</sup>. Jesus não tinha interesse político, nem em sentido pessoal de reinar, nem em libertar Israel da opressão romana. Por outro lado, ensinou em vários contextos da necessidade do povo ser fiel em servir a Deus de forma comprometida. O reinar de Deus por sua mensagem era algo interior, não uma questão nacional, institucional ou de outra forma externa ao indivíduo. Sua pregação era com respeito ao compromisso interior com Deus. Logo, questões de Israel como um povo soberano são considerações ignoradas por Jesus por não terem importância.

---

<sup>40</sup> Mateus 21.33-46.

<sup>41</sup> Isaías 42.6-7, 49.6-12, 56.3-8, 59.19, e 61.6.

<sup>42</sup> Não vem ao caso considerações messiânicas que têm sido sobrepostas a Gênesis 3.15, mas o teor da vontade divina em resgatar o ser humano do seu erro, correndo atrás e fazendo túnicas de peles para sua proteção.

<sup>43</sup> MOODY, 39.

<sup>44</sup> MILNE, 217.

<sup>45</sup> Mateus 21.41-43 e João .

<sup>46</sup> João 18.33-38.

<sup>47</sup> Mateus 22.15-22 e João 6.15.

É comum tratar a adoração como parte do propósito ou missão da igreja. Existe um problema nessa designação, resultando de uma compreensão falha do termo adoração. O conceito original de adoração é muito mais amplo no aspecto da forma, do que na maneira pela qual o termo é utilizado em círculos evangélicos atuais. O termo grego, λατρεία (*latreia*) quer dizer serviço, cujo conceito seria melhor traduzido por servir a Deus, do que por “adorar a Deus”. Em geral, o termo vem sendo aplicado em relação à música ou à prestação de um culto formalizado, no qual se proclama a grandeza de Deus. Hebreus 9.14 clarifica a questão no contexto de obras mortas, sendo comparadas a serviço de adoração real a Deus. O que é enfatizado aqui é o servir a Deus, não em cantos e hinos, mas na prática do reinar de Deus com base na salvação alcançada em Cristo.

Em Apocalipse 4.7-11, a perspectiva do culto a Deus se equipara com Isaías 6, onde o enfoque é expressamente a grandeza e incomparabilidade de *YHWH* (יהוה). Nesta adoração, Isaías se prontifica a serviço em anúncio da mensagem, o que parece ser o propósito do culto em si. Isaías vê a grandeza de *YHWH* e a sua conseqüente necessidade de se encurvar perante o Altíssimo em serviço. Todo o proceder do culto é direcionado a traçar a distinção ou a distância entre o Criador e a sua criatura frágil e dependente. Não há nenhuma expressão aqui de Isaías, nem dos seres celestiais em Apocalipse se sentirem numa êxtase emocional, mesmo que o evento para Isaías seja de uma visão. São levados a contemplar a sua necessidade, fraqueza e inadequação perante a identidade de Deus, assim dando a Deus real louvor.

O louvor aqui tratado é dever humano, mas é ao mesmo tempo uma expressão da necessidade humana, não de qualquer necessidade divina. Deus tem prazer num culto digno, mas tal prazer não espelha tanto a necessidade de Deus como espelha a necessidade do ser humano em reconhecer a Deus como Senhor absoluto. Há passagens que indicariam a necessidade de uma prestação de adoração e louvor a Deus em reconhecimento de Sua identidade e grandeza<sup>48</sup>. Mesmo quando Jesus indica que as pedras clamariam se o povo tivesse calado, ainda não espelha uma necessidade da parte de Deus, mas a necessidade do evento e da proclamação digna. A razão da exclamação era o reconhecimento e a proclamação da identificação de Jesus como sendo o ungido de Deus.

Adoração, portanto, nos termos de servir a Deus é parte da missão da igreja. Adoração em sentido de prestar um culto a Deus não chega a ser parte integral da missão da igreja. Este tipo de adoração realmente tem mais vínculo com a necessidade humana de reverenciar a Deus e lembrar-se de Sua grandeza, do que por qualquer necessidade divina de receber o culto prestado. *YHWH*, Deus de Israel, está muito além de carecer do culto humano. Uma rápida comparação entre as narrativas de Gênesis 1-11 com as narrativa mitológicas babilônicas revelam de forma bem clara este conceito.

Nas narrativas babilônicas, os deuses chegam aos sacrifícios como moscas ou aves famintos, precisando da comida oferecida em holocausto. A Bíblia apresenta a Deus sem necessidade alimentícia, exigindo em troca que o ser humano reconheça a sua dependência e obedeça às Suas instruções. Logo, o culto prestado em louvor a Deus é necessário em decorrência da necessidade humana de reconhecer e lembrar da grandeza de Deus em contraste com a sua fragilidade de criatura. A instrução ao culto é motivado pela necessidade humana, não por qualquer necessidade divina. A própria criação já presta culto a Deus, como também os seres celestiais. O culto humano não passa muito além de uma ajuda para o indivíduo a lembrar-se de sua própria necessidade perante *YHWH*, Criador do universo.

Como a igreja é integrada por seres humanos falhos, há uma constante necessidade de avaliar as formas e práticas existentes em relação não somente à missão, mas também de acordo com a sua natureza ideal. A igreja é de certa forma um organismo vivo e precisa adaptar-se a novos contextos

---

<sup>48</sup> Lucas 19.38-40.

para permanecer fiel à sua natureza e ao seu propósito. As investigações e preocupações da Reforma partiram do contexto histórico-cultural que os reformadores vivenciaram. Havia abusos para serem corrigidos na sua época, como também no presente. A correção de alguns erros já possibilita a correção de outros menos aparentes de início.

### **Êxodo 19 e 1ª Pedro 2:**

Em Êxodo 19, encontra-se as orientações gerais de Deus antes de estabelecer a aliança com o povo no Monte Sinai. Algo da missão especial do povo como participante da aliança está estabelecido aqui. A convocação é de ser uma nação intermediária entre *YHWH* (יהוה) e os povos ao redor. É esta a mesma missão dada por Jesus ao povo da nova aliança<sup>49</sup>. Há, portanto, uma continuidade entre a missão no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

No versículo 4, Deus começa a relatar como havia resgatado o povo da sua escravidão no Egito, mas segue com uma descrição do propósito dessa salvação. O povo foi resgatado não apenas de sua escravidão e das dificuldades que sofria, mas foi salvo para uma nova vida. O povo foi salvo para ser uma possessão especial de *YHWH* dentre as nações ao seu redor. Foi salvo para servir a *YHWH* como um reino de sacerdotes, ou seja, mediadores entre *YHWH* e as demais nações. O povo foi salvo para ser santo—separado, distinto de todos os demais—para cumprir com o propósito de espelhar a grandeza de Deus perante todas as nações.

Vale ressaltar que o povo havia sido liberto do Egito, mas ainda era um bando de escravos fugidos, não uma nação. Haviam aceitado a liderança de Moisés, mas não havia ainda estrutura, organização, nem liderança adequada para reger o bando de fugitivos para transformá-los numa nação. Esse aspecto estava ainda sendo trabalhado, por assim dizer, *YHWH* ainda estava formando deles uma nação, etapa principal disso foi a questão da definição de uma lei ou aliança de lei que ainda deveria ser divulgada.

Em 1ª Pedro 2.9-10, o assunto da formação do povo é retomado, agora em termos de que Deus está formando um novo povo para si dentre todas as nações do mundo. Como aquele bando de escravos no Egito não era ainda um povo<sup>50</sup>, também os cristãos no primeiro século ainda não o eram, mas haviam sido chamados a ser. Em conjunto com a nova identificação de povo de Deus, aos cristãos estava sendo dada a mesma comissão, ou seja, missão e propósito que fora dada no Monte Sinai: mediar a presença de Deus perante todos os povos da terra.

### **Mateus 28:**

Mateus 28.19 utiliza o verbo discipular (μαθητευω) no imperativo plural (μαθητευσατε), o que equivale a um imperativo para o grupo inteiro de discípulos reunidos como um todo. O imperativo aqui não é de evangelizar, no sentido costumeiro, mas discipular a todas as nações. Como parte dessa tarefa, vem incluída a questão de batizar (ritual de ingresso a uma nova confissão e vida religiosa—conversão) e de ensinar (incluindo aqui a aplicação quotidiana de todo o ensino de Jesus à vida do indivíduo).

Falamos muito, em círculos batistas, de duas ordenanças—o batismo e a ceia do Senhor. No entanto, há pelo menos mais uma ordenança que Jesus deixou para a igreja: “Fazei discípulos de todas as nações”. Esta provavelmente deveria até ser vista como a principal ordenança que Jesus deixou.

<sup>49</sup> Mateus 28, 1ª Pedro 2.

<sup>50</sup> Aparentemente saiu junto com a descendência de Israel gente que não pertencia propriamente ao “povo de Israel”, entre eles escravos que pegaram carona com a saída dos hebreus.

Parece que conhecemos este mandamento, mas muitas vezes não pensamos em suas implicações para o nosso dia-a-dia. Por um lado, dizemos que esta é a tarefa de missões, e pensamos assim cumprir esta tarefa por contribuir com as ofertas especiais missionárias. Por outro lado, dizemos que esta é a tarefa dos pastores, outra vez ignorando a responsabilidade pessoal para com esta ordenança.

É bom lembrarmos, porém, que o mandamento de Jesus não é apenas uma tarefa missionária para alcançar os povos distantes da terra na qual vivemos. Também não é uma tarefa designada como função do clero. É a tarefa que Jesus deixou aos seus discípulos—não apenas aos onze, mas a todos. Havia muitos além dos onze discípulos reunidos naquele monte, ouvindo as palavras de Jesus. Todos foram incumbidos com uma tarefa imensa—fazer discípulos de todas as nações.

Por outro lado, sabemos também que o próprio Sopro do Santo<sup>51</sup> vive agora em nossas vidas, capacitando-nos para esta tarefa imensa. Pensemos um pouco mais próximo de casa por um momento. Como vamos alcançar Porto Alegre para Cristo? Como vamos alcançar o Rio Grande do Sul para Cristo? Nós não podemos, mas Deus pode. O Sopro do Santo está pronto para atuar plenamente em nossas vidas para que possamos realizar esta tarefa imensa.

Se ganhar o Rio Grande do Sul depender dos missionários, nem adianta começar. Se ganhar o Rio Grande do Sul depender dos pastores, nunca os teremos em número suficiente. O que precisamos é lembrar-nos de que a comissão de Deus é para todos. Precisamos aceitar a perspectiva divina da tarefa e dispormos as nossas vidas como corpo real de Cristo.

Como vamos ganhar o Rio Grande do Sul para Cristo? Nós o faremos convertendo os 5.000 *crentes* batistas da nossa convenção no Rio Grande do Sul em 5.000 *igrejas* batistas no Rio Grande do Sul. Nós o faremos ao dependermos mais completamente de Deus e ao assumirmos o nosso compromisso e a nossa responsabilidade de sermos discípulos reais. 5.000 batistas no Rio Grande do Sul que se atreverem a lançar as suas vidas aos pés do mestre poderão ver como fruto 5.000 igrejas vitoriosas, estabelecendo o Reinado de Cristo entre o povo gaúcho.

Não o faremos somente agregando mais alguns crentes às igrejas batistas existentes no estado. Tampouco o veremos com o mesmo esforço das demais denominações evangélicas. Não será alcançado através do esforço evangelístico dos pastores e missionários atuando no campo gaúcho. Também não se dará através de programações dentro dos muros de nossos templos. Já estivemos trabalhando muitos anos sem um crescimento real de membros nestas mesmas igrejas.

Acrescentar membros a nossas igrejas é um objetivo muito positivo, mas não chega perto do alvo. Teremos que modificar algumas estruturas e tradições para nos adequarmos ao desafio à nossa frente. Dez milhões de gaúchos sem Cristo andam à nossa volta e a vasta maioria nunca entraria pelo portão de um dos nossos templos.

“Discipulai as nações” é muito mais do que continuarmos no mesmo trajeto que estamos seguindo. Discipular as nações envolve uma transformação de vida para que nos voltemos àqueles que andam necessitados de um relacionamento de discípulo com Cristo. Teremos que entregar toda estrutura para que sua conformidade com a missão a cumprir seja analisada—a ordem de discipular as nações. Teremos que realmente derramar as nossas vidas nas mãos do Senhor, para irmos de 5.000 a 5.000.

---

<sup>51</sup> Uso a frase “Sopro do Santo” como tradução da frase hebraica e grega que designava a respiração divina, símbolo da presença semi-tangível de Deus. Entendo que a ênfase do termo comumente traduzido como “Espírito Santo” enfatiza o reconhecimento da mera presença de Deus, mais do que designava a referenciada “terceira pessoa (persona)” de Deus. Já que o termo grego (πνευμα) como também o hebraico (רוח) tem o sentido básico de “ar em movimento”, prefiro traduzir e empregar como norma o termo sopro, podendo identificar num dado contexto o vento e em outro a infusão da presença divina no indivíduo. Logo, empregarei “Sopro do Santo”, procurando enfatizar que o texto bíblico faz referência à atividade e presença quase tangível do Santo de Israel.

## **Estrutura e Governo da Igreja:**

“A Igreja de Cristo não faz leis nem mandamentos à parte da Palavra de Deus; portanto, todas as tradições humanas não nos podem sujeitar, a não ser que estejam embasadas ou prescritas na Palavra de Deus”<sup>52</sup>. Assim como os reformadores reivindicavam, a igreja deve refletir o mais estritamente possível a perspectiva bíblica de sua natureza e propósito. Toda sua atividade, estrutura e organização deve partir de uma base bíblica sólida.

Os batistas afirmam tomar a Bíblia como sua regra de fé e prática, o que indica que apenas a Bíblia pode e deve ser norma para a elaboração de formas, estruturas, projetos e ministérios. Em certos assuntos é necessário tomar algum posicionamento sobre o qual a Bíblia não se posiciona. Tal posicionamento deve ser tomado com cautela, lembrando o princípio de moldar tudo conforme a mensagem da Bíblia. Nem sempre é possível seguir o resumo de Alexander Campbell “no que a Bíblia fala, falamos; no que a Bíblia cala, nos calamos”<sup>53</sup>, mas esta deve ser a intenção maior, sempre que possível.

A igreja existe para dar continuidade ao ministério de Jesus<sup>54</sup>. A estrutura da igreja, portanto, tem função e razão de ser apenas no espelhar essa realidade. A estrutura depende da função, o qual já se tem designado como uma função tripla, seguindo Moody<sup>55</sup>. Erickson define as funções da igreja em termos de quatro partes, mantendo como central o aspecto de testemunho (mesmo que empregue o termo “evangelizar”).

Vale ressaltar que a Bíblia não mantém a distinção atual entre o evangelizar e o discipular. O termo “evangelizar” no sentido neotestamentário é “pregar as boas novas de Cristo”, o que retrata a mensagem completa de Jesus desde o que se chama hoje de “plano de salvação” até os ensinamentos mais difíceis de compreender. A prática atual é de reservar a mensagem mais polêmica ou difícil para os adeptos, procurando suavizar a apresentação pública do evangelho. No ministério de Jesus, não se encontra nada dessa tal suavidade da mensagem. O retrato dos evangelhos em geral é muito mais coerente com a dificuldade de aceitar a mensagem de Jesus. “Duro é este discurso; Quem o pode ouvir?”<sup>56</sup>.

Se for necessário fazer uma distinção entre a mensagem de ingresso ao reino e a mensagem de continuidade, esta giraria mais em torno das passagens empregando o termo batizar. É nas passagens referentes ao batismo que se encontra o conceito do ingresso de conversão a uma nova realidade religiosa. Como em Mateus 28.19-20, o batismo é o carimbo da conversão do indivíduo, no seu lavar-se de sua antiga forma de viver, ingressando na nova dependência de Deus<sup>57</sup>. O batismo já era ritual de ingresso a uma nova confissão e vida religiosa para os judeus, sendo aplicado para aqueles gentios que queriam ingressar como prosélitos ao judaísmo<sup>58</sup>.

A edificação dos crentes é a segunda etapa, por assim dizer, do processo de evangelizar ou discipular. Vale lembrar que Jesus investiu os três anos do seu ministério em doze discípulos. Ele pregou também às multidões, mas não confiava na resposta das mesmas. Escolheu doze para

---

<sup>52</sup> Dez Teses de Berna citados em GEORGE, 131.

<sup>53</sup> GEORGE, 131.

<sup>54</sup> ERICKSON, 445.

<sup>55</sup> MOODY, 428. Veja a página 9 desta apostila.

<sup>56</sup> João 6.60. Cita-se aqui as palavras dos discípulos um pouco fora do contexto. Esta passagem reflete a dificuldade de compreender questões da morte e sacrifício de Cristo, especialmente em termos de “comer a minha carne” e “beber do meu sangue”. Mesmo assim, pode-se ver em outras passagens aspectos do escândalo que a mensagem de Jesus provocou entre os seus ouvintes, refletido nas tentativas de apedrejar a Jesus em João 8.

<sup>57</sup> Na seção referente às ordenanças na página 23, a questão do batismo será levantado de novo em mais detalhe. Aqui pretende-se apenas abrir o assunto do batismo como ritual de profissão da conversão do indivíduo.

<sup>58</sup> KITTEL et al.

discipular. No final de três anos, estes mesmos discípulos não estavam completamente maduros, mas Deus continuou a lapidá-los, como fez com Pedro<sup>59</sup>. Ainda após o final do ministério terreno de Jesus os discípulos estavam em processo de serem preparados para o ministério.

A Bíblia não fornece norma para o governo e sistema de liderança da igreja. O que ela apresenta são várias formas organizacionais em uso no decorrer do desenvolvimento da igreja durante o primeiro século. A igreja passou por liderança direta dos apóstolos. Com a necessidade, acrescentou servos à liderança administrativa (diáconos) e encontrou necessidades em certos contextos da elaboração de concílios de anciãos e bispos na supervisão do andamento da igreja local. Nenhuma destas formas foi colocada como sendo a forma definitiva, mas cada qual respondeu à necessidade que um certo grupo de crentes enfrentava.

Existem na atualidade, várias formas de governo eclesiástico, desde os grupos que negam uma estrutura visível, incluindo o sistema congregacional, episcopal e presbiteriano. As formas de organizar e estruturar a igreja não são tão importantes como a questão de suas utilidades para se cumprir a missão. Quando a estrutura cria condições para fomentar a ativação da missão da igreja, ela é benéfica. Quando uma estrutura estorva o cumprimento da missão, ela deve ser modificada. Estrutura aqui é muito mais do que formas de governo, pois aplica-se de forma igual aos programas da igreja, bem como todas as suas atividades.

### **Liderança:**

Muito tem-se dialogado referente às qualificações para a liderança eclesiástica. Vale ressaltar que o exemplo supremo de liderança em Jesus Cristo ressalta em particular o caráter do indivíduo, expresso em servir aos demais em detrimento pessoal. Visto que o contexto vivido no primeiro século da igreja era distinto do atual, certas informações ajudam a situar e compreender o ensino bíblico. Olhando para o contexto perante o qual o Novo Testamento trata assuntos de liderança, enxerga-se os seguintes detalhes:

- Paulo tinha a tática de começar seu trabalho com judeus, aparentemente para ter líderes já versados nas Escrituras e cumprindo com um estilo de vida já próximo ao ensino de Jesus, os quais poderiam auxiliar rapidamente na pregação e ensino da Palavra de Deus (já tinham um conceito arraigado de monoteísmo, moralidade, etc.);
- Paulo reúne um corpo de líderes para atuar em conjunto consigo e para dar seguimento ao trabalho que ele começa. Daí ele coloca em prática um sistema de ministério compartilhado com a inclusão de vários pregadores e professores. Seu ministério é levado adiante em grupo, não a sós<sup>60</sup>;
- Os termos bíblicos “profeta” e conseqüentemente “profecia” chegam mais perto do uso atual dos termos pregador e sermão do que os conceitos atuais de profecia como sendo futurística;
- Paulo quebra com normas de liderança judaica, mas demonstra certo respeito às mesmas;
- O exemplo de Paulo abnegar seus direitos de cidadão romano em Filipos, mesmo quando esses direitos o teriam protegido dos açoites, deve ser levado em consideração na qualificação do caráter do indivíduo<sup>61</sup>;
- Para Paulo, idade não tem a importância que era dada entre os judeus, pois deixa Timóteo servir no ensino antes de chegar à idade normativa de trinta anos<sup>62</sup>;

---

<sup>59</sup> Atos 10.1-11.18.

<sup>60</sup> 1ª Timóteo 1.3-7; 2ª Timóteo 4.9-12; Tito 1.5; 2.1-15; 3.12-13.

<sup>61</sup> Atos 16.19-40.

<sup>62</sup> Um rabino deveria ter trinta anos para começar a exercer a função. Quando Paulo indica que Timóteo não deveria deixar que sua juventude fosse desprezada, é aparentemente esta questão que está sendo respondida.

- No contexto do primeiro século não havia opção para uma mulher estudar, nem ser alfabetizada. Quando Paulo abre espaço para que a mulher aprenda (mesmo que em casa) ele se distancia em muito das normas aceitáveis na sociedade, colocando-a no mesmo nível do homem em termos de responsabilidade<sup>63</sup>;
- Paulo aceita e recomenda mulheres para cargos visíveis na igreja<sup>64</sup> (Febe é considerada diácono da igreja e recomendada por Paulo nesta posição. Logo, Prisca e Áquila são mencionados, com a proeminência sendo dada à mulher na ordem alistada<sup>65</sup>).
- Atos 21.8 menciona quatro filhas de Filipe como tendo o dom da profecia, esta sendo em outras passagens descrita como o dom maior<sup>66</sup>, também o Antigo Testamento inclui mulheres na lista de profetas<sup>67</sup>;
- Jesus e Paulo elevaram em muito o status conferido à mulher em relação ao contexto social;
- Conotações de moral e ética em referência a líderes descritas nas epístolas devem ser lidas no contexto de outras passagens como Mateus 18 e João 21;
- Em geral, as igrejas no Novo Testamento têm mais do que uma só pessoa exercendo funções de liderança formal;
- Paulo escreve cartas a igrejas onde já não atua, tentando resolver problemas na igreja sem medir a força de suas colocações<sup>68</sup>, mesmo havendo outros líderes no local aos quais ele pode chamar de “verdadeiros companheiros”<sup>69</sup>;
- Na Bíblia o termo “pastor” geralmente designa a função educadora na igreja, o termo “bispo” refere-se mais a funções supervisionais, o termo “diácono” refere-se a funções administrativas e o termo “profeta” refere-se mais ao ministério da pregação da Palavra de Deus no sentido da aplicabilidade da vontade divina ao contexto vivido;
- Na conversa com Marta e Maria, Jesus aceita e aprova que Maria se coloque na posição de discípulo, deixando de lado as suas obrigações sociais como mulher. Sentar aos pés de um mestre era expressão de discípulo que se sentava para aprender—privilegio reservado apenas aos homens.

Muito se pode extrair para tratar questões de capacitação e qualificação de líderes da igreja, mas um elemento essencial a ser lembrado é o da existência de múltiplos ministros exercendo funções ministeriais na igreja local, não um indivíduo atuando sozinho. É salutar lembrar que os diáconos foram escolhidos para cumprir com tarefas administrativas expressamente para que os apóstolos se dedicassem ao estudo da Palavra de Deus e ao seu ensino. A prática de muitas igrejas, no entanto, é de forçar o seu pastor a cumprir primeiramente as tarefas administrativas e públicas, podendo estudar e preparar-se para o ensino somente no tempo que lhe sobrar. Esse modelo comumente aplicado na prática não é bíblico.

O testemunho bíblico também dá espaço para o exercício do ministério feminino. Mesmo que algumas passagens tenham aparência inicial de eliminar a opção de ministério de mulheres, muitas passagens não somente abrem oportunidade, mas refletem de maneira positiva a atuação de mulheres

<sup>63</sup> Junto com o estudo, o judeu tinha noção de responsabilidade. O homem tinha que estudar a Torá, pois era responsabilizado por seu conhecimento. Se a mulher estudasse, ela teria responsabilidades coerentes com o seu aprendizado.

<sup>64</sup> Romanos 16.1-3.

<sup>65</sup> Há quem relate instantes nos quais seria de norma na sociedade alistar primeiramente a esposa, porém isto quando se prestigia e reconhece o casal já como casal. Perante a norma mais comum a esposa nem tem menção de existir. Como exemplo, veja as listas genealógicas na Bíblia. Só a menção do nome de uma mulher na lista é de chamar a atenção. Sabemos que Eli, Samuel e Pedro eram casados, mas somente em decorrência da menção necessária de filhos ou sogra. Quando Lucas relata o nome de uma mulher em Atos, é por questão de sua importância para a obra missionária ou a narrativa em questão. Mesmo que Paulo mencionasse por nome uma mulher num contexto que faria a menção geralmente desnecessária, já seria indício de prestigiar a participação ativa da mulher referenciada. Só pode haver esta menção em decorrência da contribuição destas mulheres ao ministério.

<sup>66</sup> 1ª Coríntios 14.1.

<sup>67</sup> Êxodo 15.20; Juízes 4.4; 2ª Reis 22.14 e em Isaías 8.3. Na passagem de Isaías o termo é utilizado em referência à esposa do profeta pela sua participação no proferir a mensagem de YHWH, conforme WATTS, 8.3, anotações.

<sup>68</sup> 1ª Coríntios 1.13; 3.1-4; 5.1-7; 2ª Coríntios 1.23-2.4; 7.8-12; Gálatas 1.6-9; 3.1-5; 4.8-20; Colossenses 2.20-23, etc..

<sup>69</sup> Filipenses 4.3.

em posições ou cargos de liderança nas igrejas do Novo Testamento. De fato, a norma bíblica espera ver homens na liderança da igreja, mas não nega a ocasião do ministério da mulher, mesmo como profeta, pregando a Palavra de Deus. Lembra-se que se for difícil para a liderança de uma mulher ser aceita na igreja atual, tal era muito mais difícil numa época em que a maioria dos homens pensavam na mulher como mercadoria para ser usada, trocada, vendida e descartada. Foi num contexto desses que Paulo escreveu “não há macho nem fêmea; pois todos somos um em Cristo Jesus” (οὐκ ἔστι ἀρσεν καὶ θήλυ: πάντες ἓν ἐσμεν ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ)<sup>70</sup>.

### ***Eféios 4.11-16:***

Nesta passagem de Efésios, encontra-se uma descrição breve da provisão de Deus para que a igreja cumpra com o seu mandato e a sua missão. Foram dados à igreja vários cargos para ajudá-la em seu crescimento, possibilitando-a a cumprir com a sua tarefa.

*E ele deu por um lado os apóstolos, por outro os profetas, por outro os evangelistas, por outro os pastores e professores<sup>71</sup>, para a equiparação dos santos no labor de ministério, na construção do corpo de Cristo, até chegarmos nós todos na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, no varão perfeito, na medida da maturidade do enchimento de Cristo; para não mais sermos crianças, vaciladas e carregadas por todo vento de ensino, no jogar de dados dos homens, em astúcia para o engano do errante; mas falando a verdade em amor, cresçamos nEle nós todos, quem é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo ajustado e encaixado por toda junta, o suprimento, conforme poder, na medida um para cada parte, o crescimento do corpo é feito para a edificação de cada um em amor<sup>72</sup>.*

Também conforme Romanos 12 e 1ª Coríntios 12, tanto os cargos em sentido de dons para a igreja como os dons espirituais têm função interna na igreja. Os encargos e os dons especificados são para a preparação da igreja para que ela cumpra a sua missão. Os apóstolos, evangelistas, profetas e pastores-mestres tem um papel específico de preparar o corpo inteiro para desempenhar a sua tarefa missionária.

Por tarefa missionária, não se pretende limitar a idéia de missões como sendo transcultural, mas enfatizar a questão de levar o evangelho para fora da igreja. É a igreja no mundo que cumpre com o seu papel de discipular as nações ao sair do seu local de reunião. No convívio local da igreja, o enfoque é de preparar os membros para os seus deveres de pregar a palavra de Deus no seu local de trabalho, na sua jornada escolar, na sua atividade comercial. O cantar, o celebrar a grandeza de Deus, o estudar e ouvir a Palavra de Deus pregada—tudo deve levar o indivíduo a estar mais apto para não só colocar o evangelho em prática na sua vida, mas transmitir a mensagem aos demais.

A tarefa principal da igreja permanece “lá fora”. O conceito da prática eclesial comum, porém, está voltado completamente para dentro. Até se fazem cultos com o visitante sendo o alvo, procurando usar o evento comunal da igreja para incluir o visitante no corpo de Cristo. O conceito bíblico não poderia ser mais diferente. Em Atos 4.29-33, os discípulos se reuniram para se prontificarem a dar o seu testemunho perante todo o povo. Esta é a mesma idéia que se encontra em Efésios. A igreja se reúne para se prontificar a levar a mensagem de Cristo para o mundo ao seu redor.

<sup>70</sup> Gálatas 3.28b.

<sup>71</sup> Há uma continuidade entre os termos “pastores” e “mestres”, diferente da continuidade dos elementos anteriores da lista, já que a forma de conjunção no grego é diferente e já não se utiliza do artigo definido com professores, mesmo que vinha usando para cada item da lista: τοὺς δὲ ποιμένας καὶ διδασκάλους.

<sup>72</sup> Efésios 4.11-16, tradução do autor, conforme Nestle-Aland 27ª edição do texto grego.

## **Institucionalismo Eclesiástico:**

Tem sido observado que a igreja de Cristo é mais organismo do que organização. Infelizmente, a prática eclesiástica muitas vezes contraria esse conceito essencial. Várias passagens bíblicas espelham o mesmo conflito entre as modalidades institucionais da fé em contraste com as realidades da fé vividas no cotidiano. Um bom começo para essa investigação seria Abraão e os demais patriarcas.

No livro de Gênesis, os patriarcas em geral parecem adorar a Deus de uma forma isenta de institucionalismo. Onde quer que estejam, eles constroem altares rústicos para oferecerem sacrifícios de forma aparentemente espontânea. De modo geral, não existe qualquer clero ou sacerdote oficiante para dirigir ou pronunciar a aceitabilidade de suas ofertas, orações ou posicionamentos. O único caso que foge desse paradigma é o dízimo de Abraão a Melquisedeque. Tal evento é o mais próximo que temos a um padrão de culto institucional entre os patriarcas. Esse meio de adoração tem os seus momentos altos bem como os baixos nos exemplos de Isaque, Esaú e Jacó, porém Abraão é tido como o pai da fé pelos judeus em geral e por Jesus em específico.

No período do Êxodo, a forma não institucional ou programática sofreu certas alterações no contexto de um culto normativo e aliança perante um povo numeroso. Mesmo esta estrutura, porém, não obedece à rigidez institucional dos povos vizinhos. O livro de Levítico é um exemplo supremo desse princípio. Ali, todas as regras mínimas para a oficialização das ofertas e sacrifícios são colocadas de forma aberta perante a massa do povo. Não há qualquer informação oculta do povo e qualquer um poderia cumprir com os rituais e officiar o seu próprio culto a *YHWH* (יהוה). O povo como um todo é nação sacerdotal, mesmo que existam sacerdotes oficiais para atuação no Tabernáculo e depois no Templo. Na realidade, a prática de altares pessoais com o exercício pessoal de oferecer ofertas e sacrifícios pode-se ver longe do Tabernáculo em Juízes e 1ª Reis 3. Até a construção do Templo de Salomão, qualquer lugar servia como lugar próprio para adorar a Deus e para a construção de altares de sacrifício.

Em 1ª Samuel 3, Eli está julgando Israel, sendo o proeminente sacerdote do povo, concentrando um certo poder político junto com o cargo clérico. A institucionalização do culto, porém, não encontra aceitação completa perante Deus. O texto diz que já era rara a voz de *YHWH* naqueles dias. Em lugar de utilizar a forma oficializada da religião, Deus chama ao jovem Samuel. Eli estava aparentemente invocando a presença e palavra divina. Mesmo assim, Deus escolhe ignorar as suas tentativas de incubação para atender àquele que está prestes a ouvir e atender, não ao clero oficial. A forma religiosa externa não é eliminada, mas existe por trás da cena um movimento de fé real que caminha em paralelo ao culto oficial formalizado.

Esta mesma temática aparece mais adiante em 1ª Samuel 17, onde Deus agora convoca Samuel a deixar o rei Saul em exercício e seguir adiante para ungir o novo libertador que *YHWH* está pronto a utilizar. Saul permanece oficialmente como sendo o rei de Israel, mas é através de Davi que Deus atua para conseguir a libertação do povo perante a ameaça filistina. Davi é o veículo de libertação nos moldes dos juízes, agora em oposição à estrutura política e eclesiástica oficial da nação.

Começa em 1ª Reis 3, no início do reinado de Salomão, uma certa união da estrutura política com a religiosa a partir da centralização do culto no templo que Salomão pretendia construir. Neste período, o Templo toma o lugar dos altares particulares e centraliza o culto em padrões oficiais da instituição religiosa. No decorrer dos reinados, haverá uma crescente distância entre a forma oficial religiosa e o culto real a *YHWH*. Os reis começam pouco a pouco a se desviarem de *YHWH*, seguindo e estimulando culto aos ídolos de sua volta. O auge do desvio se vê na época do profeta Elias e do rei Acabe.

Nos dias de Elias, descritos essencialmente em 1ª Reis 17-19, a estrutura religiosa e política oficial está longe de prestar atenção a *YHWH*, enquanto restam pelo menos 7.000 homens fiéis a Deus. Elias encontra-se deprimido pela ausência de pureza e fidelidade a *YHWH* nas estruturas oficiais, mas é alertado que Deus não se preocupa com as instituições humanas. Deus ocupa-se dos indivíduos dentre o povo que se mantém fiéis em serviço e adoração real. Deus pode não estar no lugar esperado, nem aparecer da forma esperada. Mesmo assim, Deus está presente, não deixa desamparado o remanescente fiel.

Eliseu, Jeremias e os profetas menores seguem a mesma temática, chamando o povo de volta a uma adoração real e sincera, muitas vezes despreocupados com as formas institucionalizadas do culto—a religião oficial do povo. No período de Eliseu, parece que nem existe uma forma organizada de culto a *YHWH*. O rei está cercado de sacerdotes e profetas, mas todos parecem falsos, a não ser Eliseu.

Em Mateus 5-7, Jesus toca na mesma temática, que também havia sido tratada por João Batista. As formas externas da religião não serviam para nada. O interesse real era o compromisso interno do indivíduo perante Deus. As formas externas do reinar de Deus não tinham tanta importância como a disposição interna de confiar em Deus. No capítulo 28, as palavras de Jesus revelam o mesmo tipo de pensar. Em Atos, Lucas descreve a mesma preocupação de Jesus em outras palavras. Ele reflete ainda mais a despreocupação com o reinar visível de Deus (no reino político terrestre), enfatizando o testemunhar da identidade e mensagem redentora de Deus, não a construção de órgãos oficiais.

Olhando bem, Jesus tem críticas severas para os líderes religiosos do seu tempo. O problema não era inerente às estruturas em si, nem o haver ou não liderança específica ou capacitada. A razão da crítica se radicava no distanciamento que o institucionalismo havia posto entre as formas religiosas e o relacionamento do indivíduo com Deus. Estruturas sempre existirão e sempre serão necessárias, mas elas nunca deveriam ser um fim em si. Assim não se deveria deixar que o relacionamento com Deus se transforme num relacionamento com uma estrutura, uma organização, uma instituição ou com um padrão de conduta externa (legalismo). Para tanto, as estruturas precisam sempre estar sob reforma e readequação, procurando sempre a forma mais adequada para encorajar o indivíduo no seu relacionamento de dependência de Deus e no cumprimento da missão. Nunca deve-se deixar que as estruturas tomem o lugar do compromisso interior com Deus.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, o evangelho cresceu espantosamente no mundo greco-romano. Não havia rigidez de formas e estruturas específicas, mas havia vários tipos de formas organizacionais. Cada grupo de cristãos procurava o método mais apropriado para suas reuniões e a realização da missão que Deus havia entregue aos servos—“Discipulai as nações”. Quando Constantino institucionalizou a igreja, oficializando o cristianismo como religião do Império Romano, houve uma mudança na preocupação com a expansão da igreja. Na verdade, as mudanças haviam principiado antes da oficialização do cristianismo, num movimento institucionalizante que estava já começando a reinar no mundo cristão. Com a oficialização, houve uma politização religiosa. Nesse quadro político, a igreja perdeu o seu ímpeto e zelo missionário, ocupando-se mais com o poder e o controle de suas conquistas. Perdeu-se a missão com um enfoque interno visando à manutenção.

O grande perigo das instituições, organizações e estruturas do evangelho é de perder de foco a missão e prestigiar a própria estrutura mais do que a dependência de Deus. Estruturas e programas não são o evangelho. Instituições e organizações não são o reinar de Deus. O reinar de Deus é no interior do indivíduo. Este procura formas de dar expressão ao reinar de Deus em sua vida. O problema é de confundir a expressão externa com a realidade interna. Quando tal acontece, a vida sob o reinar

de Deus é transformada em ativismo e manutenção de estruturas religiosas da criação do ser humano. Começamos a transformar a imagem de Deus, servindo ao trabalho de nossas próprias mãos<sup>73</sup>.

## **Ordenanças da Igreja:**

Ao tratar temas de ordenanças e sacramentos da igreja, é necessário primeiramente fazer distinção entre os dois termos. Por sacramento, entende-se um ritual que transmite a graça salvífica de Deus, não apenas como ritual simbólico<sup>74</sup>. Graça nesse sentido pode-se quase definir como uma substância a ser medida ou parcelada. Por ordenança, comunica-se de forma contrária que a graça não é substância, mas uma disposição relacional divina. Como Barth usa o termo, "Graça é o relacionamento de Deus com o homem que não admite concessão"<sup>75</sup>. A ordenança, portanto, não é salvífica, enquanto que o sacramento é considerado como um ritual que contribui para ou confere a salvação.

Ainda tratando algo da distinção entre sacramento e ordenança, o sacramento depende mais do caráter e da autoridade do oficiante. Somente o sacerdote legítimo teria como oferecer o sacrifício aceitável, e apenas o sumosacerdote poderia entrar no lugar santíssimo. Na questão da ordenança, no entanto, a especificação do oficiante se perde. A colocação de Paulo em 1ª Coríntios 1.14-17, a identidade do indivíduo que oficiava o batismo não era de grande importância, não fazendo parte de sua missão ou comissão<sup>76</sup>. O mesmo se aplica à questão da ceia, especialmente lembrando que a origem da ceia era uma refeição em família, onde o chefe da casa administrava a ceia para toda a família<sup>77</sup>. A instituição da páscoa nunca teve especificação sacerdotal, a não ser na questão do sacrifício do cordeiro, e isso apenas em épocas específicas da história judaica.

Falamos das ordenanças da igreja em parte por serem rituais simbólicos deixados por Jesus a seus discípulos. Por outro lado, tratamos as ordenanças em resposta à listagem de sacramentos da Igreja Católica. Fazemos de imediato uma distinção entre os itens da lista realmente deixados por Jesus e em conjunto uma distinção de seu sentido. Usamos a palavra ordenança em diferenciação do termo sacramento, já que não se concebe em círculos batistas que os rituais sejam veículos de graça (como se a graça fosse uma substância a ser parcelada). As ordenanças que se aceitam da lista, no entanto, são rituais mais do que ordens deixadas por Jesus à igreja. Tratar-se-á aqui dos rituais simbólicos do batismo e da ceia, porém, deve-se lembrar que é necessário manter em conjunto com esses dois rituais um apreço às demais ordenanças não-simbólicas: fazer discípulos, amar ao próximo (inclusive os inimigos), dar a César o que provém de César, dar a Deus o que provém de Deus, etc..

### ***Romanos 6.1-11:***

A passagem central da Bíblia para tratar da essência do batismo é Romanos 6.1-11. Por norma, lida-se com a definição do termo grego (βαπτίζω) como sendo "imersão", "submersão", "mergulhar" ou mesmo "colocar de molho"<sup>78</sup>. Vale lembrar que o termo pode também denotar aspectos de "lavar", não sendo completamente necessário designar o termo no sentido estrito de um mergulho completo

---

<sup>73</sup> Romanos 1.22-25.

<sup>74</sup> BERKHOF, 563, 569-570.

<sup>75</sup> BARTH, 229.

<sup>76</sup> BRUCE, 128.

<sup>77</sup> No contexto da celebração do Pêssach, a ceia era para a família inteira, não para alguns membros ou os que já eram "filhos da aliança". A festa do Pêssach era especificamente para ensinar as crianças sobre os eventos do Êxodo e como apropriar os mesmos para si. Tinha, portanto, um papel de ensino e "evangelismo" por assim dizer. Nestes termos não haveria nenhuma questão de impedir a participação de qualquer indivíduo que estivesse presente. A família toda tinha o dever de participar, até convidando outros a participarem com eles.

<sup>78</sup> BAUER, 131.

num fluido<sup>79</sup>. Ao mesmo tempo, tal uso do termo seria mais restrito, não podendo ser colocado como intenção normativa para o emprego do termo.

Na passagem de Romanos, o texto pode ser melhor traduzido e compreendido no sentido de “participar de” ou “ser unido a”, assim espelhando algo do caráter simbólico do ser envolto num fluido. Nestes termos, oferece-se a seguinte tradução do texto:

*O que, portanto, diremos? Permaneceremos no pecado para que a graça superabunde? Jamais aconteça! Quantos morremos para o pecado, de alguma forma ainda viveremos nele? Ou ignorais que quantos participamos (ἐβαπτίσθημεν) em Cristo Jesus<sup>80</sup>, na sua morte participamos (ἐβαπτίσθημεν)? Portanto, sepultados com ele através da participação (baptismo) em sua morte, para que como foi levantado Cristo da morte através da manifestação do Pai, assim também nós em novidade de vida caminemos. Pois se unidos fomos feitos na similitude da sua morte, quanto mais da sua ressurreição seremos. Isto reconhecendo, que o nosso antigo homem foi crucificado junto, para abolir o corpo do pecado, não mais nos escraviza o pecado, pois o morto foi declarado justo em relação a seu pecado. Mas se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele. Percebendo que Cristo foi levantado dos mortos, não mais morre. A morte dele não mais domina. Quem, pois, morreu, ao pecado morreu de uma vez por todas, mas quem vive, vive para Deus. Assim também vós, considerem-se a si mesmos mortos deveras ao pecado, mas vivendo para Deus em Cristo Jesus<sup>81</sup>.*

Porque trabalhar toda esta passagem para delimitar o uso de um termo que aparece três vezes só no começo? Primeiramente, pode-se ver que há outros termos utilizados em paralelo com o termo βαπτίζω em sentido de “participar em” ou “unir-se a”. A passagem como um todo reflete o conceito de estar unido a Cristo, vivendo em união com Ele. O emprego do termo batizar, portanto, reflete aqui o contexto desta união. Geralmente se discute a questão da morte de Jesus equiparar a ou valer pela morte do indivíduo para o pecado, mas o tema aqui vai além dessa compreensão limitada. A ênfase é de que o indivíduo participa plenamente da vida, morte e ressurreição de Cristo, bem como vive em plena união com Cristo.

Paulo emprega aqui duas formas do termo batismo (βαπτίζω), não acrescentando um significado de união, mas traçando um elo com um significado já existente ao emprego do termo e da prática. O tratamento do significado como “mergulhar para dentro de” já está ligado com o conceito de união, mas a prática originária do batismo também.

Já se tratou a questão do emprego do termo “batizando” na Grande Comissão referenciar a conversão do indivíduo, espelhado no ato de lavar-se de sua vida e prática religiosa antiga para ingressar em uma nova vida (tanto em termos de conceito religioso, como de prática moral). Em geral, fala-se somente sobre o lavar-se do antigo, mas o batismo também é símbolo de um novo revestimento. O indivíduo lava-se do antigo, vestindo-se do novo. O prosélito ao judaísmo que se batizava estava por um lado rejeitando o seu passado, mas pelo outro lado unindo-se à sua nova vida de participação na aliança com Deus<sup>82</sup>.

Esta participação na aliança espelha a questão veterotestamentária da circuncisão, sendo um ritual externo vinculado a conceitos de limpeza e moralidade. Há também a reflexão na celebração da ceia de Senhor de participação na nova aliança no sangue do seu sacrifício. Assim, o batismo era um

<sup>79</sup> BERKHOF, 581-583.

<sup>80</sup> BRUCE, 130 “tem sido incorporados nele” conforme Gálatas 3.27 e 1ª Coríntios 12.13.

<sup>81</sup> Romanos 6.1-11. Tentei aqui se mais fiel ao grego do que a uma leitura acessível no português.

<sup>82</sup> Algo do mesmo estava incluído entre os convertidos a certas religiões místicas do mundo greco-romano. Mesmo que não se tenha certeza de que esta prática cristã tinha qualquer vínculo com essas práticas pagãs, nota-se uma certa semelhança no sentido e na comunicação que se fazia na prática do evento.

vínculo, ou expressão externa da aceitação da aliança proposta por Deus—uma forma externa de visualizar e proclamar em público a conversão de vida.

João, o Batista, pregava ao judeu sobre a necessidade de arrepender-se e vir a participar da aliança como se fosse um prosélito. Tal arrependimento incluía tanto a questão de lavar-se de sua dependência na sua genealogia, nos seus costumes e nas suas tradições, como também incluía a questão de inserir-se dentro da aliança de forma comprometida.

Nesta luz, o batismo é mais do que mergulho temporário na água e mais do que o livrar-se de um passado de descomprometimento e falta de confiança em Deus. É também símbolo de participação da nova vida de união com e dependência em Cristo. É retrato da vida vivida para Deus—direcionada a Deus, e não mais ao pecado. Inclui o lavar-se, como também o ser revestido de Cristo.

Por outro ângulo, deve-se fazer certa distinção entre o batismo como um ato religioso e a prática de sua utilização no contexto institucional de membresia na pessoa jurídica da igreja local. Parte da problemática enfrentada na questão do batismo visa a preocupação com o aspecto da igreja como pessoa jurídica.

É comum aproveitar o batismo como via de ingresso à membresia de uma igreja local, mesmo com vínculo à decisão de inclusão ou aceitação feita numa assembléia da igreja. Em parte, esta forma de associar ou vincular o aspecto espiritual do batismo com a questão legal de membresia na pessoa jurídica é prejudicial a uma boa compreensão do batismo. Isto porque evita-se batizar um indivíduo até que a igreja possa comprovar a conversão do mesmo, quando *na Bíblia é o batismo que serve de profissão pública de fé*. De fato, o Novo Testamento utiliza o batismo da mesma forma que a igreja atual utiliza a chamada “oração do pecador”. *O batismo era ritual de iniciação do crente*<sup>83</sup>.

O crente deveria ser batizado na pessoa de Jesus<sup>84</sup>—ou seja, ser imerso em Cristo ou unido por completo a Ele<sup>85</sup>. Não é tão importante a frase associada, nem a forma em si, mas a realidade do compromisso e da união vital com Cristo que o batismo representa. Aproveitar o evento demonstrativo desta união com Cristo para designar ao mesmo tempo o ingresso na membresia da igreja local gera as suas dificuldades, mesmo que haja boa e sincera motivação nessa prática.

Ao tratar a questão, deve-se salientar que Paulo usa verbos no passado e também no tempo futuro ao retratar o batismo. A questão do espelho e união na morte de Jesus é tratada no tempo passado, enquanto a questão da ressurreição de Cristo é ainda futura<sup>86</sup>. Poderia-se tratar o símbolo do batismo com o sentido de que ainda estamos sepultados com Cristo na expectativa de nossa ressurreição.

### **Êxodo 12:**

Esta passagem é a passagem básica para ajudar a entender o Pêssach (פסח) hebraico, que é a celebração contendo o Seder, sobre o qual a ceia do Senhor foi estabelecida. A celebração é comemorativa do êxodo do Egito, o qual expressa de forma simulada a liberdade e nova vida dadas em Cristo. Em conjunto com esta passagem, deve-se tomar consciência de que há outras passagens de ensino complementar, como Êxodo 34.25, Números 9; Deuteronômio 16; Josué 5; 2ª Reis 23; 2ª Crônicas 30; 35; e Esdras 6, bem como passagens do Novo Testamento que referenciam a festa, incluindo alguma descrição da participação de Jesus com os seus discípulos.

<sup>83</sup> ELWELL, v1, 148; HALLEY, 499.

<sup>84</sup> BERKHOF, 577. Esta interpretação de Berkhof coincide bem com o tratamento de Paulo em Romanos 6, com a idéia de ser imerso na pessoa de Jesus em sentido de participação na Sua vida, morte e ressurreição.

<sup>85</sup> Mateus 28.19 reflete o fato do crente ser batizado na pessoa trina de Deus, porém a prática neotestamentária é de batizar em nome de Jesus, indicando que a declaração trina em Mateus 28 pode bem ser um acréscimo ao texto original (MOODY, 119).

<sup>86</sup> ACHTMEIER, 104-105.

A celebração do Pêssach era uma festa essencial do povo judeu, pois retratava a salvação de *YHWH* (יהוה) para o povo na saída do Egito. A festa devia ser celebrada para que o povo não esquecesse daquilo que *YHWH* havia feito por eles. O evento do Êxodo era o evento central da história de *YHWH* com o povo. Desenvolvia o mesmo papel que a paixão, morte e ressurreição de Jesus tem para o cristão. O evento original da Páscoa, ou Pêssach (פסח), foi inaugurado em antecipação da libertação que *YHWH* estava para lograr. Assim também, Jesus celebrou a festa com os seus discípulos em antecipação de sua morte e a libertação que estava por lograr em benefício deles.

### ***Pêssach:***

O Pêssach (פסח) judaico é uma celebração anual do evento do Êxodo. É a celebração mais importante do calendário judaico desde antes do tempo de Jesus. A parte principal da semana celebrativa é a ceia do Seder. A importância do Pêssach se deve ao fato de que celebra o Êxodo, que marca o início da redenção e formação do povo de Israel como o povo especial de *YHWH* (יהוה). O Êxodo era evento central para toda a formulação de fé do povo, e esta é a festa do evento do Êxodo. A celebração do Pêssach é demarcada como tendo o propósito principal de ensinar aos filhos a importância e o sentido do Êxodo. Para tanto, toda a estrutura da celebração do Pêssach foi elaborada para ajudar nesse ensino<sup>87</sup>.

Na celebração de recordar o Êxodo, o povo se vê sendo pessoalmente remido do Egito. A ação de Deus em prol do bando de escravos era algo único na época. Para o povo era o início de sua existência como um povo. O Êxodo formou também a base para a convocação divina, para que o povo estivesse pronto para aceitar a aliança que *YHWH* estava prestes a promulgar. Por causa de tudo que *YHWH* havia feito ao resgatá-los do Egito, o povo estava agora pronto a entregar-se a servir apenas a este mesmo Deus poderoso. Vale lembrar que o povo que saiu do Egito era ainda idólatra e politeísta. Ainda foi-lhes necessário caminhar no deserto para aprender que não havia outro deus no mesmo patamar que *YHWH*.

O Pêssach é a celebração deste início do caminhar do povo com o seu Deus, *YHWH*. É uma celebração de que Deus fizera deles não mais um bando de escravos sofrendo nas mãos do Faraó, mas um povo indo à terra que lhe havia sido prometida. “Éramos escravos de Faraó, mas Deus nos tirou do Egito com forte mão e nos introduziu à terra prometida”. Esta frase é o cerne da celebração. O Pêssach é um memorial da salvação e nova vida que Deus operou para o povo ao qual estava chamando.

Na ceia de Jesus com os seus discípulos, era esta a celebração esperada pelos discípulos. Esperavam olhar para trás, lembrando a salvação que Deus havia operado em suas vidas quando foram tirados do Egito. Até os preparativos para a festa visavam a ajudar os participantes a livrarem as suas vidas do orgulho e pecado para estarem prontos a celebrar a libertação da sua escravidão pessoal. Esperavam olhar para trás e aproveitar para si o que Deus havia feito há mais de mil anos.

Ao passar à celebração, porém, Jesus modificou a festa. Ele sim fez os discípulos lembrar da saída do povo do Egito, mas os levou a celebrar a páscoa original, não a memorial. Na noite da fuga do povo da terra do Egito, o povo comeu o primeiro Seder em expectativa do Pêssach. O animal sacrificado foi comido às pressas na esperança de que naquela mesma noite fugiram da terra do Egito pela mão de *YHWH*. Assim, Jesus tomou dois dos elementos especiais da noite, transformando-os em novos memoriais.

---

<sup>87</sup> Veja o apêndice, Hagadah para o Seder do Pêssach, na página 35.

Em lugar de manter para a matsá o significado do pão da aflição e da escravidão, Jesus o transforma em símbolo da nova aliança futura. Jesus entrega a matsá como representando o seu próprio corpo que seria partido como sacrifício da aliança. Ele toma também um ou mais dos cálices (símbolos da alegria da festa), transformando o seu sentido para representar a sua própria vida derramada para selar a nova aliança com Deus.

A festa do Pêssach, portanto, passa a espelhar mais do que a saída do Egito no passado. Mesmo que os judeus já apropriavam o evento do Êxodo para suas vidas em particular e traçavam o vínculo do passado com o seu presente, tal não era o suficiente. Havia uma nova aliança a ser instituída. Esta seria também para aproveitamento pessoal. Seria digno de uma celebração alegre lembrar a redenção do indivíduo por Deus. Havia também a necessidade de haver uma celebração prévia—uma expectativa de libertação. Era necessário um vínculo de fé, esperando que Deus cumpriria com a Sua promessa de dar nova vida para que o homem pudesse pertencer a Seu povo particular.

O Pêssach já espelhava o mesmo sentido básico da salvação alcançada por Jesus. A celebração agora tem mais sentido com o complemento da nova aliança em Jesus. Os Salmos cantados na celebração antiga<sup>88</sup> já anunciavam a morte e sacrifício de Jesus a partir da celebração do Seder nessa mesma festa. O único aspecto de participação na nova aliança, no entanto, é o de fé e compromisso de viver a nova vida sob a soberania de Deus.

Os discípulos, portanto, tomaram dos símbolos da antiga aliança alicerçada no Êxodo do Egito e os revestiram do novo significado dado por Cristo. Os elementos que lembravam a aflição e a alegria resultante do Êxodo, passaram a lembrar o sofrimento de Cristo para nos trazer nova vida e alegria através de sua auto-entrega, selando para nós o novo pacto de Deus. Não mais lembravam apenas o Êxodo do Egito, mas o ingresso ao novo reino de Jesus, alcançado na cruz. Jesus é o nosso cordeiro, a nossa páscoa. Por meio dEle o destruidor passou por cima das nossas casas e fomos expulsos do nosso Egito a uma nova vida no reino de Deus.

### **1ª Coríntios 11.17-34:**

Para frisar bem o contexto da passagem acima referida, deve-se salientar os pontos a seguir da Epístola como um todo<sup>89</sup>:

1.30	<i>“Eu sou de Cristo”</i>
5.6-13	<i>Chamêtz e Sêder (Nos preparativos para o Seder judaico, procura-se levedura em toda parte da casa no dia anterior à celebração do Pêssach. Esta passagem se relaciona com tal busca para retirar todo fermento da vida.)</i>
6.11-20	<i>membros de Cristo, unidos, comprados: o ser comprado e unido a Deus é temática do Pêssach, pois no evento o povo foi resgatado do Egito, comprados para união com YHWH (יהוה), passando a ser seu povo.</i>
7.23	<i>comprados da servidão: reflete o resgate do Egito</i>
7.1-40	<i>casamento segundo a relação com Deus: como povo peculiar de YHWH (יהוה), Israel era tido como esposa ou noiva de Deus</i>
8.1-13	<i>comer a ídolos versus comer a Cristo: comer da mesa sacrificial indicava relacionamento cúltico, o Seder tendo relação com o conceito de festa cúltica de participação da aliança com Deus</i>
10.6-10	<i>não idolatria/prostituição: traça a distinção entre pertencer a Deus ou servir aos deuses egípcios</i>
10.14-22	<i>beber a ídolos/Cristo: participação no celebrar as festas cúlticas, essencialmente o Seder do Pêssach</i>
10.23-33	<i>ídolo nada/eu de Cristo: essencial no Pêssach era a identificação de pertencer a povo resgatado por YHWH</i>
11.17-34	<i>juntos somos noiva de Cristo/não há lugar para chamêtz: pureza no relacionamento matrimonial, como também espelhado no culto ao Deus zeloso</i>

Nas igrejas evangélicas da atualidade é hábito ou tradição já bem arraigada a prática de ler o texto de 1ª Coríntios 11.23-34 durante a celebração da ceia do Senhor. O contexto imediato da passagem,

<sup>88</sup> Salmos 113-118 e 136.

<sup>89</sup> Veja também as passagens de Oséias 4.12-13; 9.1; Efésios 5.1-21, 28-33.

porém, começa antes com o versículo 17 dentro do contexto mais amplo dos capítulos 10 a 14<sup>90</sup>. Há certo debate referente à divisão mais apropriada das seções da carta, mas o papel do capítulo onze no mínimo serve de uma ponte entre o capítulo 10 e os capítulos de 12 a 14<sup>91</sup>. Para compreender bem o texto de 11.23-34, é indispensável lê-lo como um todo no mínimo desde 11.17, assim respeitando o contexto imediato. Uma leitura melhor compreenderia os capítulos de 10 a 14, como sempre, o ideal seria a leitura da carta em sua íntegra.

Em toda a carta, Paulo está respondendo a certas colocações e práticas da igreja em Corinto, dando um aval e orientando a igreja referente aos seus posicionamentos. Este é realmente o propósito geral de Paulo em toda a carta, e este fato deve ser lembrado ao interpretar qualquer passagem dela. A partir do versículo 17, Paulo começa a tratar certo problema referente à celebração de Cristo, especificamente em relação à ceia. O problema tratado tem a ceia como pretexto e situação, mas o assunto não é a ceia em si. O interesse de Paulo é de tratar a questão da unidade da igreja, ou seja a falta de união existente<sup>92</sup>, um segundo abuso no culto cristão em Corinto<sup>93</sup>. Vejamos o tratamento e o contexto coríntio.

Nos versículos 18 e 19, Paulo levanta a questão de facções, ou partidos dentro da igreja. Esses crentes estavam exibindo rivalidades, como também já fora levantado mais de uma vez desde o início da carta<sup>94</sup>. O problema dessas divisões foi uma temática repetida de Paulo, problema básico que aparentemente ocasionou a escrita da carta<sup>95</sup>. No versículo 20, o assunto das dissensões, rivalidades, ou facções é dirigido à prática de celebrar a ceia. Paulo explicitamente diz neste versículo que o problema é de que estão se reunindo, mas com um propósito esquivado do devido. Enquanto deveriam estar se reunindo para celebrar a ceia de Cristo, o propósito de sua celebração havia sido abandonado. Nos próximos três versículos, esse problema fica ainda mais explícito. Paulo exemplifica o assunto apontando que os Coríntios não exibem nenhum tipo de união e comunhão no comer juntos, como deveria ser uma celebração da Ceia do Senhor.

Para começar, havia uma desigualdade entre os crentes em termos financeiros, e estavam fazendo celebração com distinções sociais dentro da igreja<sup>96</sup>. Aqueles com mais condições estavam trazendo as suas práticas aprendidas dos romanos à reunião para supostamente celebrar o Seder de Cristo. É interessante notar que Paulo especificamente menciona como problemática a questão de que os coríntios não estavam esperando uns aos outros para que juntos participassem da celebração. Uns tinham pouco para comer, enquanto outros se enchiam de volumes glutônicos de comida, ignorando a necessidade dos seus irmãos e até humilhando-os<sup>97</sup>.

Entre certos grupos religiosos pagãos havia uma espécie de refeição tida em comum entre ricos e pobres, porém os coríntios não alcançavam os padrões de comunhão desses grupos<sup>98</sup>. Não esperavam nem que os pobres e escravos chegassem, nem compartilhavam com eles de sua abundância. É bem provável que estavam seguindo os padrões romanos em comer até que fosse necessário volver o estômago para poder comer mais. Isso, enquanto outros passavam fome. Foi retratado em termos de

---

<sup>90</sup> Deve-se notar que a figura do Seder permeia a epístola toda na temática da união, pois é de certa forma o exemplo supremo na igreja em Corinto de sua falta de união e discernimento espiritual.

<sup>91</sup> MAYS, 1182-1183. Há discussão de encontrar-se entre o texto de 1ª e 2ª Coríntios partes de três epístolas de Paulo aos coríntios. Sabe-se pela menção no próprio texto da carta que Paulo escreveu mais de duas cartas à igreja, porém não há certeza se temos pelo menos parte da terceira carta incluída no texto de 1ª Coríntios ou não. De qualquer forma, os capítulos 10-14 funcionam para indicar a necessidade de ordem e união.

<sup>92</sup> *Ibid.*, 1184.

<sup>93</sup> FEE, 531.

<sup>94</sup> Veja 1ª Coríntios 1.10-13.

<sup>95</sup> HAYS, 193.

<sup>96</sup> MAYS, 1183.

<sup>97</sup> FEE, 532.

<sup>98</sup> MORRIS, 127.

“pobres, famintos encontrando ricos intoxicados, naquilo que deveria ser a ceia do Senhor”<sup>99</sup>. Em tal contexto, Paulo responde, dizendo que seu reunir não tem nada a ver com celebrar a ceia de Cristo.

O formato da celebração na época teria sido muito mais próximo à forma judaica de celebrar a páscoa, do que as formas atuais que se restringem aos dois elementos mencionados por Paulo neste texto<sup>100</sup>. O contexto era da celebração de uma ceia — uma refeição completa. Era costume para as igrejas da época celebrar o que alguns chamaram de uma “ceia de amor”. Traziam suas comidas e as compartilhavam entre si numa atmosfera de celebração e união, uma refeição ou banquete, qual era sua forma de celebrar a ceia<sup>101</sup>. Esta ceia tinha como sua base a celebração judaica do Pêssach, sendo a continuação cristã dessa celebração.

Vale investigar um pouco da forma histórica das celebrações nas vilas romanas da época, para melhor entendermos o que se passava dentro da igreja em Corinto. Constata-se pela arqueologia que uma típica vila romana acomodava de nove a doze pessoas reclinadas à mesa no salão de banquetes<sup>102</sup>, os outros trinta a quarenta convidados eram relegados a ficarem de pé na antesala. Era comum até servir comidas qualitativamente diferentes para os convidados, de acordo com a sua classe social<sup>103</sup>. Um governador romano, escrevendo por volta de cinquenta anos após a época da carta de Paulo, detalha a “hospitalidade” de um homem de seu conhecimento:

Os melhores pratos eram colocados em frente de si e de uns poucos selecionados, e as migalhas baratas perante o resto dos convidados. Ele havia até colocado o vinho em pequenos odres, dividido em três categorias, não com a idéia de dar oportunidade aos convidados para escolherem, mas para fazer impossível para que rejeitassem o que lhes era oferecido. Uma categoria estava intencionado para si e para nós, outra para os seus amigos secundários (todos os seus amigos eram classificados), e a terceira para os seus e os nossos servos livres<sup>104</sup>.

Aparentemente, era esse o padrão de “hospitalidade” e “comunidade” que os coríntios estavam celebrando, observando as distinções sociais entre si. O problema especial dos coríntios era de que parte deles estavam celebrando glotonaria e desigualdade e não Cristo. Estes se davam de importantes e privilegiados, enquanto outros na mesma celebração padeciam necessidades e fome. Nessa celebração, que era uma refeição completa, os coríntios estavam negligenciando a razão de estarem reunidos, o “partilhar de um só pão”. Não se lembravam de sua união essencial e de sua dependência de Cristo<sup>105</sup>. Sua celebração dividia o corpo de Cristo, conforme as suas distinções de classe<sup>106</sup>.

É neste contexto que Paulo apresenta o ensino dos versículos 23 a 34\*. Seu enfoque nestes versículos centraliza a questão do corpo e da vida (sangue) de Cristo derramada em nossa salvação. No versículo 26, ele resume a essência do propósito da ceia nos mesmos termos que usa para responder e criticar a atuação dos coríntios. A ceia é um anúncio da morte de Cristo. É também muito mais do que isto quando se considera todo o seu contexto nos moldes do *Pêssach* que Jesus teria celebrado com os seus discípulos, sendo uma refeição completa da qual o uso do pão e do vinho

---

<sup>99</sup> ROBERTSON, 163-164.

<sup>100</sup> ALLEN, 357.

<sup>101</sup> BITTENCOURT, 69. O termo “ceia de amor” reflete algo da ignorância entre os cristãos referente à celebração do Pêssach judaico que Jesus aproveitou e modificou na celebração da sua ceia com os seus discípulos. O Novo Testamento não divulga os detalhes da festa e em geral os cristãos perderam a compreensão devida da festa em decorrência da igreja divulgar-se entre povos gentios e perder a sua identificação com suas origens judaicas.

<sup>102</sup> FEE, 533 nota de rodapé.

<sup>103</sup> FEE, 533-534 e HAYS, 196.

<sup>104</sup> PLÍNIO O JOVEM, Cartas 2.6, citado em HAYS, 196.

<sup>105</sup> MAYS, 1183-1184.

<sup>106</sup> FEE, 534.

são apenas ingredientes de uma ampla celebração<sup>107</sup>. As colocações de Paulo aqui se limitam a responder a situação problemática dos crentes em Corinto.

No contexto das suas práticas, eles estavam condenando-se a si mesmos ao participar indignamente daquilo que denominavam ser a “ceia do Senhor”. Em lugar de estarem celebrando e afirmando a união em Cristo, a prática dos coríntios estava rompendo a comunhão ao esquecerem-se de mostrar amor cada um ao próximo<sup>108</sup>. No versículo 27, tropeçamos um pouco sobre o termo traduzido por “indignamente”, que tem a noção específica de “não de acordo com o seu valor”<sup>109</sup>. Este termo é um advérbio, o qual pode apenas qualificar a forma ou atitude da participação, nunca sendo uma descrição da pessoa que participa<sup>110</sup>. O termo não se refere às condições morais da pessoa, mas à sua prontidão para respeitar a ocasião e o propósito da celebração—“faça isto ... em memória de mim”. Aquele que participar desta ceia sem respeitar a ocasião está condenando-se a si mesmo, pois ao participar ele está anunciando a morte de Jesus e ao desrespeitar a ocasião desrespeita ao próprio Cristo que anuncia. O modo da participação é importante, porém, ninguém poderia considerar-se digno de participar. O mais indigno que celebra em humildade cumpre o mandamento de Paulo.

Paulo segue este ensino com a continuação do tema nos versículos seguintes. Ele incentiva o indivíduo a examinar o seu motivo de estar presente para assim participar da ceia de uma forma digna. “Examine-se pois e coma”<sup>111</sup>. Esta frase lembra a celebração do Pêssach, ou melhor os preparativos para a celebração que começava com a busca interior do chamêts, ou levedura. Tal busca tinha função de ajudar o participante a eliminar o orgulho e portanto o pecado de sua vida. Esse esforço deveria aprontá-lo para participar da festa da libertação do pecado. A busca do chamêts era feita por todos em preparativo para comer do Pêssach<sup>112</sup>.

Paulo quer que todos participem da ceia, mas que participem da ceia, e não de um show de extravagância glutônica romana. Paulo quer que a igreja como um corpo celebre a Cristo e a liberdade e nova vida que Cristo nos trouxe. Esta vida não faz distinção de classes sociais e privilégios pessoais.

*Um indivíduo come de forma indigna quando não atua em amor pela comunhão da igreja, também quando não percebe a presença de Cristo, é ingrato pela sua morte sacrificial e impassível ante o sentido de sua redenção.... Examinar-se à luz do sentido da fé cristã e do amor cristão fará impossível o tipo de ação do qual os coríntios eram culpados<sup>113</sup>.*

Não há, portanto, razão para a preocupação de muitos quanto a cair despercebidamente em condenação.

Ao mencionar a necessidade do indivíduo examinar-se, Paulo salienta a ignorância do sentido dos preparativos para a celebração do Pêssach e a busca do chamêts. O orgulho do status social de alguns estava distorcendo todo o sentido da festa e a celebração de Cristo.

Olhando de volta para o versículo 29, aquele discernir o corpo refere-se não somente ao corpo físico de Jesus na cruz, mas o corpo atual de Cristo—a sua igreja reunida, com o sentido da frase que Paulo

---

<sup>107</sup> HAYS, 193. Veja também material sobre o *Pesach* Judaico (celebração da páscoa).

<sup>108</sup> BROWN em ALLEN, 356.

<sup>109</sup> RIENECKER, 316.

<sup>110</sup> BERQUIST, 88.

<sup>111</sup> Há neste versículo um paralelo com a procura do chamêts anterior à celebração do Pêssach. Na procura pelo chamêts, o indivíduo faz uma busca interior para livrar-se do seu orgulho ou inclinação maligna (pecado). É neste examinar-se que a celebração do Pêssach tem o seu início. O tema do chamêts já foi levantado em 1<sup>o</sup> Coríntios 5.6-13.

<sup>112</sup> Veja apostila em anexo sobre o Pêssach.

<sup>113</sup> BROWN em ALLEN, 359.

já havia usado em 10.16-17<sup>114</sup>. Os cristãos estão sendo convocados a examinar a sua forma de participar da ceia, para que tal ceia realmente celebre a Cristo, não às distinções sociais entre os participantes. Os que não celebram de forma digna estão celebrando ofensa direta a Cristo. Não estão execrando nem profanando os elementos do pão e do vinho. A ofensa é uma ofensa direta a Cristo e a sua mensagem clara de igualdade e da supremacia do servir ao próximo<sup>115</sup>.

Assim, nos versículos 33 a 34 Paulo refere-se novamente à razão da igreja reunir-se. Ela deve reunir-se para estar em união, não para chamar atenção cada um para si mesmo. No intervalo de 31 e 32, Paulo lembra aos coríntios que eles mesmos deveriam pensar antes de fazer as coisas, para assim não fazer algo condenável. Paulo os lembra de que eles mesmos deveriam julgar os seus motivos ao reunirem-se, a fim de que pudessem desfrutar plenamente da celebração de Cristo e não passar a necessidade de sofrerem correção.

Olhando para todo este contexto, pode-se facilmente ver que o propósito de Paulo não era para excluir qualquer pessoa da celebração da ceia. O seu propósito era de lembrar aos crentes a razão de sua celebração—Cristo. Em Cristo a igreja deveria desfrutar de união e não de facções. A razão de levantar a questão da ceia era para chamar a igreja à união, não para ensinar a respeito da ceia. Em vez de atuar em união como o corpo de Cristo, celebrando a ceia do Senhor, estavam divididos e essa dissensão estava danificando a todos<sup>116</sup>. A questão da ceia aqui tratada é certamente acidental ao propósito de Paulo. A intenção maior de Paulo é de tratar a necessidade de união na igreja. A ceia era apenas mais um exemplo citado para tratar da questão das facções ou divisões que haviam surgido.

Os capítulos seguintes da primeira carta de Paulo aos Coríntios não falam da celebração da ceia, mas continuam a mesma intenção de Paulo—tratar a necessidade de união. É um só espírito que dá dons aos crentes, um só Senhor, um só Deus, uma só fé, um só amor e um só corpo — o corpo de Cristo, que é a igreja! Há que discernir este corpo, pois como poderemos celebrar a Cristo de outra forma, senão na união dos membros do seu corpo? “Assim, pois, toma do pão e beba do cálice” anunciando que a morte de Jesus nos fez um só corpo e que em nós Jesus está presente. Sim, Jesus morreu por nós na cruz, mas ressuscitou, vive em nós e está por vir!

## **Disciplina da Igreja:**

O assunto de disciplina eclesiástica deveria ser visto com muito cuidado, respeitando firmemente a exposição do ensino bíblico. É comum demais fazer muita ênfase em punir membros da igreja local em seguimento a tradições católicas de penitência e excomunhão. Essas práticas não tem muito apoio bíblico, pois o peso do ensino bíblico recai sobre a graça de reconciliação e o perdão incompreensível de Deus. Temáticas bíblicas de graça, reconciliação, perdão e amor divino devem encontrar reflexo na temática da disciplina eclesiástica. É salutar um lembrete de que há muito menos testemunho bíblico na questão da disciplina do que nestas outras questões. O peso deve coincidir com o peso do conteúdo e da clareza do ensino bíblico. Outros textos tratam de aplacar a veemência da disciplina<sup>117</sup>. Em geral, a ênfase é de reconciliação e restauração do indivíduo. Bem se podia mencionar as múltiplas ocasiões nas quais Paulo oferece críticas severas às igrejas, sendo as suas palavras a

---

<sup>114</sup> HAYS, 200.

<sup>115</sup> Marcos 9-10.

<sup>116</sup> HAYS, 195 e 204.

<sup>117</sup> 2ª Coríntios 2.5-11; logo 2ª Coríntios 13.1-7, onde Paulo pede que seja o indivíduo a se disciplinar a si mesmo; em 1ª Timóteo 1.19, o entregar ao acusador tem descrição específica em termos de remediar ou redimir os disciplinados.

extensão completa da disciplina. Esta é a sua tática geral—adverter o indivíduo ou grupo que está em erro—nada mais.

### **Mateus 18:**

Nesta passagem, encontra-se o ensino bíblico mais claro e específico em termos gerais com respeito à disciplina na igreja. Vale salientar que o tema central da passagem de 18.10-35 não é disciplina, mas reconciliação e o oferecer perdão imerecido.

No início do capítulo, Jesus trata da necessidade de fazer pouco da importância própria, colocando a vida em dependência para com Deus<sup>118</sup>. Neste contexto, Jesus começa ensinando sobre a seriedade do pecado, já que teve que responder às preocupações dos discípulos em defender as suas posições de importância no reino. Respondida a preocupação de grandeza no reino, Jesus relaciona esta preocupação e contesta todo o esforço dos judeus para manter o corpo inteiro, mesmo depois da morte, para poder entrar no reino apocalíptico (no seu conceito de ressurreição) com o corpo inteiro. A resposta crítica de Jesus é de que estão se preocupando com o aspecto errado, até mesmo insignificante. A preocupação de ter o corpo intacto estava gerando negligência no necessário para o mero ingresso no reino. Jesus coloca, portanto, que os judeus, como também os seus discípulos, estavam enfatizando detalhes insignificantes, servindo assim de tropeço para os demais. Neste contexto, Jesus salienta a seriedade do tropeço e de levar o outro a tropeçar.

Para seguir no ensino da importância do indivíduo aparentemente insignificante (paralítico, coxo ou deformado), Jesus refere a parábola da ovelha perdida. O indivíduo insignificante deve ser procurado e restaurado ao rebanho. Voltando à questão colocada antes, o insignificante ou até desprezível perante a sociedade é de grande importância para Deus, podendo até ser visto na resposta de indicar “Quem é o maior no reinar de Deus?” em termos do indivíduo que carece de atenção para ser resturado ao rebanho.

Jesus segue o ensino, definindo a necessidade do indivíduo tratar de restaurar a comunhão com o próximo. Se o irmão errar contra o discípulo, o discípulo deve procurá-lo para restaurar o relacionamento quebrado<sup>119</sup>. Deve tratar primeiramente apenas com o ofensor. Só quando não conseguir a reaproximação deveria seguir com testemunhas para ajudarem na reconciliação. Quando esta intervenção não surtir efeito, então pode-se levar o caso para a assembleia, para um posicionamento público. Somente depois de esgotar todos os recursos para reconciliar o errante é que aceita-se sera inútil prosseguir no esforço de reconciliação. Com esta tarefa reconciliadora, Jesus coloca a sua própria presença e mediação entre os irmãos, mostrando a importância que ele a dá. “Onde estão dois ou três reconciliados em meu nome, ali estou em seu meio”<sup>120</sup>.

Um pouco inconformado com a necessidade de procurar tanto a reconciliação, mas indo além do ensino vigente na temática, Pedro levanta a questão de saber o número de vezes que deveria perdoar

<sup>118</sup> Veja a correlação com Marcos 9.33-37; 10.13-16 e Lucas 9.46-48; 18.1-30, onde Jesus coloca a criança no meio dos adultos, numa condição de insignificância e submissão. Em Marcos 10 e Lucas 18, forma parte de um ensino mais geral sobre os destituídos da sociedade que são importantes para Deus em contraste com aqueles que o mundo define como importantes.

<sup>119</sup> Existe dúvida se a frase “contra ti” (εἰς σέ) é original ao texto de Mateus. Pode ter sido um acréscimo para ajudar na compreensão da intensão da passagem, como pode ter sido omitido deliberadamente. O texto grego das Sociedades Bíblicas, quarta edição revisada, e a edição de Nestle-Aland, XXVII mantém a frase entre colchetes (METZGER, 36). MORRIS (466) defende ser impossível definir aqui qual seria a leitura do texto original.

<sup>120</sup> É comum pegarem esta passagem e a retirarem do contexto para afirmar que se dois irmãos pedirem uma mesma coisa a Deus, Deus o fará. A questão porém é de dois ou três virem a um acordo “se dois concordarem, entre vocês aqui na terra, sobre todo assunto que pedirem, lhes acontecerá perante o meu Pai nos céus, pois onde estão dois ou três reconciliados em meu nome, ali estou em seu meio” (ἐὰν δύο συμφωνήσωσιν ἐξ ὑμῶν ἐπὶ τῆς γῆς περὶ παντὸς πράγματος οὐ ἐὰν αἰτήσωται, γενήσεται αὐτοῖς παρὰ τοῦ πατρὸς μου τοῦ ἐν οὐρανῶν. <sup>20</sup>οὐ γὰρ εἰσὶν δύο ἢ τρεῖς συνηγμένοι εἰς τὸ ἕμὸν ὄνομα, ἐκεῖ εἰμι ἐν μέσῳ αὐτῶν). Note que além do contexto definir a questão da reconciliação de irmãos, a concordância é de estar completamente acertado o assunto—sobre tudo o que pedirem. Refere-se, portanto a uma reconciliação completa, a qual o próprio Deus estabelece!

o irmão pela mesma ofensa. Quando cita o número sete, ele excede o ensino dos fariseus de seu dia, que diziam que perdoar a mesma ofensa três vezes era o suficiente. A resposta de Jesus é, no entanto, ainda mais significativa, já que contraria não apenas a definição da norma farisaica, mas a própria questão de haver um limite.

Alguns ainda questionam, “deve-se perdoar quando o ofensor não se houver arrependido?”. Pode alguém estar arrependido e cometer contra o mesmo indivíduo o mesmo erro setenta e sete vezes? De forma alguma mede Jesus aqui o arrependimento do ofensor, mas sim a responsabilidade do discípulo em reconciliar o irmão perdido, errante.

Para explicar de forma mais ilustrativa, Jesus conta a parábola sobre o escravo que queria ser perdoado, porém sem perdoar. Vale observar que a dívida desse servo é muitíssimo maior do que lhe era devido em retorno, e muito mais do que jamais conseguiria pagar. O talento tinha valor superior a quinze anos do rendimento do serviço de obreiro. Este recebia um denário (um denário: um por dia). Como o escravo devia mais de dez mil talentos<sup>121</sup>, seria o equivalente a mais do que um milhão e oitocentos salários mínimos (mais do que R\$275 milhões no primeiro semestre de 2001). Qualquer que seja o “cálculo exato”, é uma quantia de dívida que nem acertando na loteria acumulada poderia qualquer escravo saldar. São estas as condições do perdão divino recebido pelo discípulo—um perdão completamente imerecido e além de qualquer esforço para saldar. Jesus ensina que é com o mesmo proceder que o discípulo deve também perdoar o irmão errante.

É dentro desse contexto que Jesus enquadra o ensino referente à “disciplina” e ao perdão. A ênfase de Jesus é na necessidade de reconciliar o irmão, mesmo abusando de recursos para conseguir a reconciliação. Uma pergunta tem sido sugerida: “Deve-se perdoar mesmo se...?” Pelo texto de Mateus 18, deve-se perdoar sem motivo qualquer. Perdoa-se por questão de graça—a graça de Deus. Se as palavras de Jesus no versículo 22 devem ser compreendidas como quatrocentos e noventa vezes ou se devem ser lidas como “somente” setenta e sete vezes, que tipo de perdão condicional abriria brecha para tanta repetição do mesmo erro contra o mesmo indivíduo? Aparentemente aqui basta a intenção de regularizar o relacionamento, mesmo que haja muita fraqueza no desenvolver a boa intenção.

Quando Jesus expressa suas colocações referentes à reconciliação, deve-se lembrar que esta questão tem a ver com desavenças entre irmãos, não em termos de afrontas a Deus. Nesses casos, em termos de disciplina eclesiástica deve-se ler em conjunto com este texto a passagem de 1ª Coríntios 5.1-5, tendo sempre em mente o imperativo de buscar a reconciliação e a qualidade do perdão que Deus estende.

Ao mesmo tempo, deve-se manter em tensão a seriedade do pecado e o aspecto imerecido do perdão. Práticas comuns de disciplina eclesiástica tendem a concentrar-se no tratamento de uma lista específica de pecados públicos, ignorando pecados mais privativos. A regra desta passagem é de buscar a reconciliação entre irmãos, não de punir pecados. Ao faltar arrependimento, deve-se investigar o motivo disciplinar, tanto como os meios aplicados para ajudar o errante a desejar a reconciliação.

### **1ª Coríntios 5.1-5 e 2ª Tessalonicenses 3.14-15:**

Nesta primeira passagem, Paulo trata com muita seriedade uma questão de imoralidade que parte de uma má compreensão da liberdade em Cristo. Havia o conceito judaico de que a conversão e a nova

---

<sup>121</sup> No grego, é realmente “talentos sem conta”, já que *μυρία* está na forma plural, sendo o sentido “múltiplos de dez mil” ou “sem conta” já que não havia numeral maior à disposição no grego. Podia-se especificar quantidades de miríades (*μυριάων*), mas é o maior termo simples de numeração existente no grego.

vida em Cristo anulava as relações sociais prévias. Em decorrência deste conceito, parece que alguns em Corinto estavam considerando que as regras de incesto e matrimônio fossem anuladas<sup>122</sup>. Assim, alguns aparentemente pensavam ter completa liberdade de ignorar normas sociais e mesmo legais que definiam o que era próprio.

Lembrando o sentido do termo hebraico “Satán” (שָׂטָן), seria cogitável que Paulo até estivesse referenciando o adversário (o equivalente a “promotor de justiça”) do governo da época, já que o irmão em questão estava infringindo as leis de procedimento legal da sociedade. De qualquer forma, a tônica do qualificativo é de mostrar a distorção completa do proceder cristão, buscando a resolução da ofensa de forma imediata.

Em conjunto com esta passagem tão difícil de interpretar em termos de procedimentos detalhados, deve-se ler também 2ª Tessalonicenses 3.14-15. Nesta segunda passagem, certos assuntos são melhor clarificados. Aqui Paulo faz uma semelhante admoestação, mas especifica certos limites na aplicação do ensino. Estes limites estão mais de acordo com o ensino de Mateus 18, onde o tema central é a reconciliação.

---

<sup>122</sup> Elisabeth Schüssler Fiorenza em MAYS, James Luther, Ph.D., Editor. *Harper's Bible Commentary*. “1 Corinthians” New York: Harper and Row, Publishers, Inc., 1988, [Online] Available: Logos Library System.

***Apêndice—Hagadah para o Seder do Pêssach:***

# Pêssach: Celebração da Páscoa Judaica

Que Jesus e seus discípulos celebraram o Pêssach pode ser afirmado com segurança, mesmo se a celebração fosse no dia anterior à data correta e divergia um tanto das normas celebrativas da época, como indica o texto do Evangelho de João. Exatamente como foi a celebração deles é impossível reconstituir. A meta desta obra, porém, é de aproximar o participante o máximo possível à prática judaica da qual Jesus e os seus discípulos participaram e transformaram naquilo que chamaram a Ceia do Senhor. Muitos aspectos da celebração judaica atual foram acrescentados após a destruição do Templo no ano 70, mas em tese, o teor básico da celebração pode ser reconstituído.

Aqui encontra-se a nossa elaboração do Seder do Pêssach judaico, com vistas a resgatar a celebração de Jesus. Começamos com os quinze passos da celebração judaica atual, procurando eliminar acréscimos devidos ao desenvolvimento da celebração através da sua história. Certas modificações da festa judaica atual desta celebração do Êxodo são devidas à destruição do templo no ano 70. Algumas partes da celebração atual foram incluídas aqui, mesmo que a época de seu ingresso seja um tanto duvidosa em relação à forma de Jesus ter celebrado. Foram incluídas por causa de seu significado para o cristão que encontra nesta celebração uma proclamação do evangelho de Jesus Cristo, o nosso Cordeiro Pascal. Estes serão anotados como originários de época posterior.

A busca do Chamêts provavelmente tem alguma origem já da época do segundo templo, porém deve ter sofrido certas modificações até chegar na forma da celebração judaica atual. O afikommen é aparentemente um acréscimo à celebração da época de Jesus, como também o Karpás, que tomou o lugar do uso do hissopo que era mergulhado no sangue do cordeiro para se untar os marcos das portas da casa.

O que segue, portanto, é uma aproximação do que Jesus teria celebrado com os seus discípulos. Não podemos averiguar com precisão todo detalhe, mas podemos chegar perto o suficiente para melhor compreender o sentido que Jesus deu à ceia em termos do seu próprio ministério e sacrifício, vinculado à celebração do evento do Êxodo, tão central para os judeus.

*Para maiores informações, entre em contato com:*

*Christopher ou Karina Harbin*

*Rua Professor Fernando Carneiro, 203*

*Bairro Três Figueiras*

*91.330-100 Porto Alegre, RS*

*0-XX-51-3328-6250 ou 0-XX-51-9947-0520*

*harbin@teamgaucho.org*

## ***Preparativos Para o Seder do Pêssach:***

### **A Busca e Queima do Chamêts<sup>123</sup>:**

Hoje em dia, na noite anterior à noite do Sêder na casa judaica, a dona da casa apresenta a casa limpa de todo tipo de alimento e bebida fermentados. Nesta noite, o dono da casa realiza uma inspeção à luz de vela em conjunto com o resto da família, para constatar com firmeza que a casa está totalmente limpa de Chamêts, conforme diz a Torá: "...levedura não será encontrada em vossas casas... nenhuma coisa levedada comereis..."

*OBS – Costuma-se esconder alguns pedacinhos de pão (normalmente dez) pela casa para que o dono da casa encontre-os durante a busca e, assim, sua bênção não tenha sido pronunciada em vão.*

**Proclamação:** O nosso \_\_\_\_\_ (quintal, pátio, salão de festas, etc.) está limpo e preparado para a nossa celebração do Pêssach. É hora de inspecioná-lo e verificar se tudo realmente está em ordem para que possamos prosseguir com a festividade.

Durante a procura do chamêts, nada deve ser dito a não ser o que se refere à busca do chamêts.

**Bênção:** "Bendito és Tu, Senhor, Nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os Teus mandamentos e nos ordenaste a eliminar todo chamêts."

[Procura-se o chamêts.]

Agora vamos incinerar o chamêts encontrado, anulando todo o chamêts remanescente, esteja onde estiver, com a proclamação a seguir:

**Proclamação:** "Que todo chamêts existente em minha posse, visto e não visto, eliminado e não eliminado, seja anulado e considerado como o pó da terra"<sup>124</sup>.

[Queima-se o chamêts encontrado durante a busca.]

A idéia de eliminar o chamêts é para "delimitar a matsá como algo especial... [e] para enfatizar a importância da matsá e do seu simbolismo. Ademais, nós nos abtemos de comer chamêts como parte do processo de libertação pessoal. Em interpretação rabínica, o chamêts é visto como simbólico da inclinação maligna. A remoção de todo chamêts é uma metáfora para um processo interior de purgação e libertação de nós mesmos da impureza—o chamêts que encontra-se dentro de nós. É por isto que procuramos tanto remover mesmo a peça mais insignificante de chamêts material; é para significar a dificuldade e o esforço para remover estes aspectos negativos de nós mesmos"<sup>125</sup>.

A celebração do Pêssach deve começar com essa busca interior para eliminar o chamêts em nossas vidas. Somente quando reconhecemos a nossa escravidão ao pecado e a nossa tendência de confiar em nós mesmos, em lugar de confiar em Deus, podemos começar a nossa celebração do Pêssach.

<sup>123</sup> Mateus 26.17-19; Marcos 14.12; Lucas 22.7-13; 1ª Coríntios 5.6-8; 11.28-29.

<sup>124</sup> FRIEDLIN, 1.

<sup>125</sup> STRASSFELD, 9.

## **Celebração do Pêssach:**

*OBS – “A preparação para o Pêssach deve envolver o grupo inteiro ou família, se possível. Crianças podem ajudar a pôr a mesa, colorir cartões com os nomes, fazer cobridores de matsá de guardanapos, e tomar conta da água salgada. Quanto mais as pessoas participam, maior o seu senso de envolvimento”<sup>126</sup>.*

A luz é símbolo da alegria de nossa celebração, e o momento de acender as velas é também tempo de oração pessoal de ações de graças e petição<sup>127</sup>.

[Acende-se as Velas. Espera-se alguns minutos para oração silenciosa.]

**Bênção:** [Ergue-se o cálice na mão dominante.] “Digno és tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos tens santificado através de tua Palavra. Em tua honra acendemos as velas desta festa”<sup>128</sup>.

[Amém.]

### **1. Cadêsh: Santificação do Dia**

*OBS – O cálice de Kiddush e os cálices individuais são preenchidos, preferencialmente que se sirvam um ao outro como sinal de liberdade<sup>129</sup>.*

No Egito, os hebreus foram forçados a construir. Foi laboroso, pois construíam uma cidade no pântano, e cada nível afundava no solo, tendo eles que construir outro em cima. A escravidão é uma vida sem propósito nem realização.

Mas, nesta noite, santificamos a recordação e a celebração da libertação dada por Deus a seu povo.

[Ergue-se o cálice]

O vinho é símbolo da redenção, como diz Salmo 116.13, “O copo da salvação levantarei, e invocarei o Nome do Senhor.”

Nesta celebração existem quatro cálices principais. “Os quatro cálices estão ligados às quatro expressões da redenção de Êxodo 6.6-7. ‘Eu sou YHWH. Eu vos *libertarei* das cargas dos egípcios, e vos *resgatarei* da sua escravidão. Eu vos *redimirei* com mão estendida... e vos *levarei* a ser o Meu povo...’”<sup>130</sup>.

Louvemos o nome do Senhor e proclamemos a sua grandeza a todas as gerações, pois tem libertado o seu povo da opressão.

<sup>126</sup> *ibid.*, 17.

<sup>127</sup> WOLFSON, 66.

<sup>128</sup> FRIEDLIN, 2 e WOLFSON, 66.

<sup>129</sup> WOLFSON, 81.

<sup>130</sup> STRASSFELD, 19.

**Bênção:** [Ergue-se o cálice.] “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha.... Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos escolheste e nos distingüiste, santificando-nos pelos Teus mandamentos.... Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, por dar-nos vida, sustentar-nos, e prontificar-nos a celebrar esta festa”<sup>131</sup>.

[Toma-se o cálice.]

### 3. **Carpás: Verdura - Salsa em água salgada**

*OBS – Esta parte do Pêssach veio a ser incluída muito depois da época de Jesus<sup>132</sup>, mas foi incluída aqui pelo seu valor simbólico em substituição de usar o hissopo para untar a entrada da casa com o sangue do cordeiro sacrificado.*

[Mergulha-se a salsa na água salgada.] Nós mergulhamos a salsa em água salgada, que representa as lágrimas do povo escravizado.

Comemos salsa, simbolizando o hissopo<sup>133</sup> que era mergulhado no sangue do cordeiro pascal e roseado nos umbrais das portas das casas dos hebreus<sup>134</sup>.

**Bênção:** “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos tens dado libertação através do sangue do cordeiro. Ajuda-nos sempre a Te agradecer em qualquer circunstância, assim como o Seu Filho, o nosso Cordeiro Pascal, Te agradeceu na expectativa da cruz.”

[Come-se a salsa mergulhada na água salgada.]

### 4. **Yáchatz: Quebrar a Matsá**

O matza é o pão da escravidão, de amargura, de correria, de humildade. Também é símbolo de nossa participação no evento do Êxodo.

Os três matzot, empilhados podem simbolizar os cativos, os libertos que não dão importância à sua libertação, e os libertos que prezam a sua libertação. Os indiferentes estão por debaixo, os não libertos no meio, os libertos em cima. Quando quebramos a matsá do meio, podemos esperar pelo rompimento das cadeias dos cativos. O resgate da metade da matsá quebrada, o afikomen, pode simbolizar a redenção futura dos cativos através dos libertos, acima na pilha, não-atados e possibilitados de agir<sup>135</sup>.

Yáchatz, o nome desta parte do Seder, significa quebrar ou dividir. Vamos quebrar a matsá do meio em partes desiguais. A parte menor se retorna à pilha de matzot como símbolo do “pão de aflição”. A parte maior, o afikomen, ou “sobremesa”<sup>136</sup>, será envolta num pano branco para ser escondido e encontrado depois, no final da celebração<sup>137</sup>.

<sup>131</sup> FRIEDLIN, 4-6 e WOLFSON, 84-86.

<sup>132</sup> WOLFSON, 99. Nos dias de Jesus teria-se untado os marcos da porta com sangue num hissopo.

<sup>133</sup> Uma planta parecido em certo aspecto como uma bucha, útil para pintar uma superfície.

<sup>134</sup> FRIEDLIN, 7 e WOLFSON, 97-98.

<sup>135</sup> STRASSFELD, 18.

<sup>136</sup> SCHEINERMANN, 3.

<sup>137</sup> WOLFSON, 103-104.

**Proclamação:** [Ergue-se as três matsot.] Este é o pão da aflição que os nossos antepassados comeram na terra de Mitzraim.

**Proclamação:** [Abre-se a porta.] Nossa porta está aberta. Todos os que tiverem fome, que entrem e comam; todos que padecem necessidade, que venham compartilhar pêsach<sup>138</sup>.

Tomamos deste pão, quebramos este pão [Quebra-se a matsá do meio], e agora antecipamos ser libertos da aflição.

[Coloca-se a parte menor de novo no meio das matzot. Envolve-se a parte maior num pano branco para esconder pela busca de afikomen.]

## 5. Maguid: Narrativa do Êxodo

*OBS – Serve-se o segundo cálice, preferencialmente que os participantes se sirvam um ao outro como sinal de liberdade.*

### **As Quatro Perguntas:**

Pêsach é uma celebração muito especial. Fazemos muitas coisas diferentes durante Pêsach. Que diferente é esta noite de todas as outras noites!

- Em todas as outras noites comemos chamêts ou *matsá*, mas nesta noite comemos apenas matsá.
- Em todas as outras noites comemos de todo tipo de verdura, mas nesta noite devemos comer verduras amargas.
- Em todas as outras noites não mergulhamos os alimentos, mas nesta noite mergulhamos duas vezes a comida: a salsa na água salgada e a matsá no *charrosset*<sup>139</sup>.
- Em todas as outras noites comemos carne que foi assada, guisada ou cozida, mas nesta noite comemos apenas carne assada<sup>140</sup>.

“Porque é esta noite diferente de todas as outras noites?

Mais do que tudo, porque nos provoca a perguntar”<sup>141</sup>.

As perguntas são centrais para a experiência do pêsach, como para todo o conceito religioso judaico. É no processo de perguntar e refletir que nova compreensão emerge. Este ponto é supremamente importante. O ritual judaico do Sêder deve ensinar. Em lugar de cumprir o ritual por seus próprios méritos, concentra-se em compreender o sentido do ato ritual, a verdade que representa. É por isso que a pergunta é tão importante, pois sem a pergunta, reduziríamos a conduta a uma religiosidade prescrita, ausente de substância significativa e fé<sup>142</sup>, sendo escravizados a uma religiosidade estéril.

<sup>138</sup> FRIEDLIN, 8, STRASSFELD, 21 e WOLFSON, 112.

<sup>139</sup> WOLFSON, 124. Na época de Jesus, esta resposta ou pergunta teria sido formulada de outra maneira.

<sup>140</sup> KOLATCH, 222.

<sup>141</sup> STRASSFELD, 43.

<sup>142</sup> WOLFSON, 122.

Mas **por que** fazemos coisas tão diferentes nesta noite em especial?

### **As Quatro Crianças :**

Em quatro ocasiões distintas, a Torá instrui os pais a ensinarem aos seus filhos a narrativa do pêsach. Os sábios inferiram, portanto que haviam quatro tipos de crianças<sup>143</sup>.

Crianças sábias perguntam: “O que significam as responsabilidades, as leis e os regulamentos que Deus tem mandado?” Tais crianças devem ser ensinadas sobre tudo, pois suas mentes estão abertas para aprender e apreciar a nossa herança.

Crianças más perguntam: “Para que você faz essas coisas? O que significa para ti este culto?” Para ti, e não para nós. Tais crianças se desligam da comunidade de Israel, e nós respondemos: “Eu faço isto por causa daquilo que Deus fez por mim quando eu saí do Egito”. Por mim, e não por elas, pois se houvessem estado no Egito, não teriam saído conosco.

Crianças simples perguntam: “O que isto significa?” A elas dizemos: “Com poderosa mão, Deus nos tirou do Egito, da casa de escravidão”.

Às crianças que não sabem perguntar, começamos explicando que a Torá manda: “Dirás a teu filho naquele dia...”.

E assim, começa agora a nossa narrativa:

### **Narrativa:**

Éramos escravos do Faraó no Egito, mas o Senhor, nosso Deus nos trouxe para fora com potente mão e com braço estendido. E se o Santo, bendito seja, não nos houvesse tirado do Egito, logo nós e os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos estaríamos ainda escravizados a Faraó no Egito<sup>144</sup>.

A quase 4000 anos, havia fome na terra de Israel. Nosso ancestral Jacó levou a sua família e assentou-se no Egito, onde havia muita comida. Os filhos de Israel viviam bem no Egito e chegamos a ser uma grande nação.

Logo, surgiu um novo Faraó no Egito que temeu o nosso povo por haver tantos de nós. “Se houver uma guerra, eles se juntarão aos nossos inimigos e lutarão contra nós”. Então Faraó nos forçou a sermos os seus escravos. Ordenou que fizéssemos tijolos e edifícios para ele. Capitães foram postos sobre nós e impuseram serviço árduo, e construímos as cidades de Pitom e Ramasés.

Clamamos a Deus por socorro, e Deus nos ouviu, viu o nosso sofrimento e deu resposta à nossa opressão. Deus lembrou-se do seu pacto com os nossos antepassados Abraão, Isaque e Jacó.

Faraó recusou-se a libertar-nos, então Deus enviou dez pragas sobre a terra do Egito.

---

<sup>143</sup> FRIEDLIN, 12-13, SCHNEINERMANN, 4 e WOLFSON 138-140.

<sup>144</sup> WOLFSON, 128.

**Pragas:**

Ao recordar cada uma das dez pragas, retiramos uma gota de vinho—nosso símbolo de regozijo—dos nossos cálices, pois a nossa alegria é diminuída ao lembrarmos do sofrimento dos egípcios. Não se lambe o dedo pois isso seria gloriar-se do sofrimento dos inimigos.

Juntos recordemos as dez pragas sobre o Egito<sup>145</sup>: sangue, rãs, piolhos, moscas, peste nos animais, úlceras, granizo, gafanhotos, escuridão e a morte dos primogênitos dos egípcios.

Quando o próprio filho do Faraó morreu, ele finalmente resolveu nos libertar<sup>146</sup>.

**Narrativa:**

Quando o Faraó resolveu nos libertar, saímos com pressa. Deixamos o Egito à meia-noite com tanta pressa que não houve tempo para a massa do pão crescer. Nós o assamos imediatamente e saiu do forno duro e fino—a primeira matsá.

Escapamos para o mar de varas com os egípcios em perseguição. Ali clamamos ao Senhor, nosso Deus, e Ele nos ouviu<sup>147</sup>. Ordenou a Moisés que levantasse a sua vara sobre as águas e que marchássemos. As águas se abriram e atravessamos o mar em terra seca. Chegando para o outro lado, vimos os egípcios perseguindo, porém as águas voltaram a se fecharem e engoliram o exército egípcio.

Cantamos então uma canção de vitória.

Cante: **“Cantai, pois, a vitória é ganha!”**

*// Cantai, pois, a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar!  
Cantai, pois, a vitória é ganha, as coisas velhas ficaram pra trás!  
Vencidas as barreiras que nos impediam, entremos na terra de Canaã!  
Alelu, aleluia, aleluia!  
Alelu, aleluia, aleluia! //*

**Proclamação:** *Parem de cantar assim!*<sup>148</sup>

Por quê?

<sup>145</sup> FRIEDLIN, 21, SCHEINERMANN, 5 e STRASSFELD, 22-23.

<sup>146</sup> SCHIENERMANN, 5.

<sup>147</sup> SCHEINERMANN, 6-7.

<sup>148</sup> Este midrash é um acréscimo à celebração, mas provém desde antes de Jesus.

**Proclamação:** *Ouçã, para entender por que!*

**Midrash:**

Conta-se num Midrash<sup>149</sup> que quando os egípcios estavam se afogando os anjos quiseram juntar-se ao canto de vitória, mas Deus os repreendeu, dizendo, “Minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?”

A nossa alegria não pode ser completa quando contemplamos o sofrimento, mesmo dos nossos próprios inimigos<sup>150</sup>.

**Narrativa:**

“Em cada geração, cada indivíduo deve sentir-se pessoalmente redimido do Egito, como está escrito: ‘Dirás aos teus filhos naquele dia, dizendo, “É por causa daquilo que o Senhor fez por mim quando eu fui livre para fora do Egito”’. O Senhor, louvado seja, não apenas libertou aos nossos antepassados. Ele nos redimiou com eles, como está escrito: “Ele nos trouxe para fora, para que nos trouxesse para a terra que prometeu aos nossos antepassados”<sup>151</sup>.

“Éramos escravos do Faraó...”

“A experiência egípcia é a nossa própria, e portanto a história deve ser recontada e expandida, pois estamos ainda lutando para sermos livres. Cada ano tentamos expandir as fronteiras da nossa libertação um pouco mais, pois entendemos que se simplesmente recitarmos a história como um relato acerca de outros, facilmente escorregaremos numa escravidão dos faraós de nossa própria criação<sup>152</sup>.

**Louvor:**

E cantamos perante Ele um cântico novo: Aleluia!

*Alelu, alelu, alelu, aleluia!*

*Glória a Deus!*

*Alelu, alelu, alelu, aleluia!*

*Glória a Deus!*

*Glória a Deus! Aleluia!*

*Glória a Deus! Aleluia!*

*Glória a Deus! Aleluia!*

*Glória a Deus!*

<sup>149</sup> Um Midrash é um comentário sobre o texto bíblico.

<sup>150</sup> FRIEDLIN, 21 e SCHEINERMANN, 7.

<sup>151</sup> STRASSFELD, 23 e WOLFSON, 170.

<sup>152</sup> STRASSFELD, 22.

**Halêl:****Salmo 113:**

*OBS—Os Salmos estão divididos aqui para serem lidos como um jogral por duas pessoas (negrito e sublinhado), às vezes lendo em conjunto. Na época de Jesus teriam sido cantados.*

**Louvai ao Senhor! Louvai, servos do Senhor; louvai o nome do Senhor.**  
**Bendito seja o nome do Senhor, desde agora e para sempre.**  
**Desde o nascimento do sol até o seu ocaso há de ser louvado o nome do Senhor.**  
**Exaltado está o Senhor acima de todas as nações, e a sua glória acima dos céus.**  
**Quem é semelhante ao Senhor nosso Deus, que tem o seu assento nas alturas,**  
**que se inclina para ver o que está no céu e na terra?**  
**Ele levanta do pó o pobre, e do monturo ergue o necessitado,**  
**para o fazer sentar com os príncipes, sim, com os príncipes do seu povo.**  
**Ele faz com que a mulher estéril habite em família, e seja alegre mãe de filhos.**  
**Louvai ao Senhor!**

**Salmo 114:**

**Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó dentre um povo de língua estranha,**  
**Judá tornou-lhe o santuário, e Israel o seu domínio.**  
**O mar viu isto, e fugiu; o Jordão tornou atrás.**  
**Os montes saltaram como carneiros, e os outeiros como cordeiros do rebanho.**  
**Que tens tu, ó mar, para fugires? E tu, ó Jordão, para tornares atrás?**  
**E vós, montes, que saltais como carneiros, e vós outeiros, como cordeiros do rebanho?**  
**Treme, ó terra, na presença do Senhor, na presença do Deus de Jacó,**  
**o qual converteu a rocha em lago de águas, a pederneira em manancial.**

**Proclamação:** [Ergue-se o cálice.] Este cálice é lembrança da segunda promessa de redenção: “Eu vos resgatarei” – Êxodo 6.6<sup>153</sup>.

**Bênção:** “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha.”<sup>154</sup>

[Toma-se o cálice.]

**7. Motsí: Bênção sobre o pão**

[Levanta-se as três matsot e profere-se a bênção<sup>155</sup>.]

<sup>153</sup> WOLFSON, 175.

<sup>154</sup> *ibid.*, 174.

**Bênção:** “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que retiras o pão da terra.”

## 8. Matsá: Repartição da Matsá

*[Coloca-se devolta a matsá de baixo em seu lugar e profere-se a bênção erguendo as matsot do meio e de cima. Quebra-se e distribui-se porções pequenas destas duas matsot de modo que todos possam comer delas<sup>156</sup>.]*

**Bênção:** “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que santificaste as nossas vidas com os Teus mandamentos e nos prescreveste comer matsá”<sup>157</sup>.

[Come-se a matsá repartida.]

## 9. Maror: Verdura Amarga com Molho

*[Molha-se a verdura amarga no charôset, deixando escorrer bem o excesso para que a amargura da erva possa ser apreciada<sup>158</sup>.]*

A amargura da maror nos lembra da amargura da crueldade e opressão. O charôset, no qual mergulhamos o maror, nos lembra do cimento que os escravos hebreus tiveram que fazer no Egito ao construir as cidades de Faraó.

Os elementos do charôset representam vários aspectos da vida do povo hebreu no Egito.

- O vinho representa o sangue dos hebreus, derramado na escravidão.
- A canela representa a palha usada na fabricação de tijolos.
- As maçãs representam os pomares, nos quais diz-se que as hebreas se escondiam para terem seus filhos quando Faraó os queria matar.
- As nozes representam o esforço da redenção, porque a palavra hebraica assemelhava-se ao termo “trabalho diligente”, pois é uma tradição que a redenção real se realizará apenas através do nosso esforço árduo para melhorar o mundo.

**Proclamação:** Deus está presente não apenas em nossa liberdade, mas também nos tempos amargos. Deus nunca nos abandona.

[Profere-se a bênção e come-se o maror mergulhado no charôset.]

**Bênção:** “Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que santificaste as nossas vidas com Teus mandamentos e nos prescreveste comer maror”<sup>159</sup>.

<sup>155</sup> *ibid.*, 185.

<sup>156</sup> STRASSFELD, 23 e WOLFSON, 185.

<sup>157</sup> WOLFSON, 184.

<sup>158</sup> STRASSFELD, 23 e WOLFSON, 188.

<sup>159</sup> WOLFSON, 186.

## 11. Shulchan Ôrech: Ceia

“Já é hora de comer?”

É tempo de comer. É tempo de festa. Em meio à festa, é tempo de “questionar as nossas crenças e idéias prediletas para descobrir se de alguma forma a escravidão tem se metido em nossas vidas”<sup>160</sup>. É tempo de celebrar a nova vida que Deus nos proporcionou. É hora de fazer perguntas e refletir sobre tão grande salvação e o seu significado em nossas vidas.

*[Serve-se a comida, incluindo a sobremesa e cafezinho antes de prosseguir à seguinte parte.]*

## 12. Tsafún: Encontra-se o Afikomen

*[Dá-se as regras pela busca: Limite a busca a certas salas. Defina se o afikomen pode estar completamente escondido, ou se alguma porção do guardanapo está visível. Dê outros parâmetros, como “Não está acima do nível do olho”. Defina quem pode participar da busca. Quando for encontrado, o achador deverá gritar “Eu encontrei!”. Se for dado brinde, todos devem receber, não apenas aquele que encontrar o afikommen.]*

O afikommen é uma brincadeira de criança, ou uma experiência simbólica significativa? Depende se houver quem esteja realmente procurando<sup>161</sup>.

Falamos do resgate do Afikomen como símbolo da redenção dos cativos. Nós, como crentes, podemos ver através deste símbolo que **Jesus, a nossa redenção, ressurgiu.**

*[Quando o Afikomen for encontrado e todos receberem os seus brindes, o Afikomen deverá ser repartido entre todos os participantes e comido.]*

## 13. Barêch: Bênção final após a ceia

*[Enche-se o terceiro cálice. Recita-se a bênção de graças após a refeição e logo após a bênção toma-se o terceiro cálice. O que segue não é a versão completa da bênção!]*

**Bênção de Graças Após a Refeição:** Meus amigos, profiramos a bênção.

Bendito seja o nome do Senhor desde agora e para todo sempre.

Bendito é Ele (nosso Deus) cuja comida temos comido e em cuja bondade vivemos.

Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, soberano do mundo, que provês alimento para o mundo inteiro na tua bondade, com graça, benignidade e misericórdia; Deus supre o pão para todo ser vivente, pois sua bondade é para sempre. Por causa de sua bondade, nunca nos faltou comida, nem haverá de faltar—por causa do seu grandioso nome—pois Ele é Deus que alimenta e providencia para todos e é com para todos, e quem fornece comida para todas as suas criaturas que trouxe a existir. Bendito és

<sup>160</sup> STRASSFELD, 43.

<sup>161</sup> WOLFSON, 197.

Tu, Senhor, que provê alimento para todos. Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, Soberano do mundo—Deus que é nosso Pai, nosso Rei, nosso Poderoso, nosso Criador, nosso Redentor, nosso Feitor, nosso Santo—o Santo de Jacó; nosso Pastor—o Pastor de Israel; o Rei que é bom e faz bem a todos, que todo e cada dia tem sido bom, é bom e será bom para conosco. Ele concedeu, concede, e sempre concederá graça, bondade, misericórdia, descanso, resgate, e sucesso, bênção e salvação, conforto, uma vivência e sustento, e misericórdia e vida e paz e tudo que é bom—e possa Ele nunca nos deixar sofrer carência de qualquer coisa boa<sup>162</sup>.

***Bênção do cálice:*** “*Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha.*”

[Toma-se o cálice]

[Serve-se o cálice de Elias e abre-se a porta para deixar Elias entrar<sup>163</sup>.]

Está servido o cálice de Elias e a porta está aberta para deixá-lo entrar.

Recorda-se do momento de ter aberto a porta para convidar o pobre a entrar?

Se nós realmente não abrirmos as nossas portas e “se permitirmos que o pobre permaneça faminto, como poderemos esperar que Elias entre quando abrirmos as nossas portas para a sua vinda messiânica?”<sup>164</sup>.

## 14. Halêl: Salmos de louvor. Salmos 115-118.

[*Serve-se o quarto cálice.*]

### ***Salmo 115:***

***Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade.***

***Por que perguntariam as nações: Onde está o seu Deus?***

***Mas o nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz.***

***Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos do homem.***

***Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem;***

***têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram;***

***têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta.***

***Semelhantes a eles sejam os que os fazem, e todos os que neles confiam.***

***Confia, ó Israel, no Senhor! ele é vosso auxílio e vosso escudo.***

***Casa de Arão, confia no Senhor! ele é vosso auxílio e vosso escudo.***

***Vós, os que temeis ao Senhor, confiai no Senhor! ele é vosso auxílio e vosso escudo.***

<sup>162</sup> PALATNIK, 52-56.

<sup>163</sup> STRASSFELD, 23.

<sup>164</sup> *ibid.*, 21.

O Senhor tem-se lembrado de nós, abençoar-nos-á; abençoará a casa de Israel; abençoará a casa de Arão;

abençoará os que temem ao Senhor, tanto pequenos como grandes.

**Aumente-vos o Senhor cada vez mais, a vós e a vossos filhos.**

**Sede vós benditos do Senhor, que fez os céus e a terra.**

Os céus são os céus do Senhor, mas a terra, deu-a ele aos filhos dos homens.

Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.

**nós, porém, bendiremos ao Senhor, desde agora e para sempre. Louvai ao Senhor!**

### **Salmo 116:**

**Amo ao Senhor, porque ele ouve a minha voz e a minha súplica.**

**Porque inclina para mim o seu ouvido, invocá-lo-ei enquanto viver.**

**Os laços da morte me cercaram; as angústias do Seol se apoderaram de mim; sofri tribulação e tristeza.**

**Então invoquei o nome do Senhor, dizendo: "Ó Senhor, eu te rogo, livra-me!"**

**Compassivo é o Senhor, e justo; sim, misericordioso é o nosso Deus.**

**O Senhor guarda os simples; quando me acho abatido, ele me salva.**

**Volta, minha alma, ao teu repouso, pois o Senhor te fez bem.**

**Pois livraste a minha alma da morte, os meus olhos das lágrimas, e os meus pés de tropeçar.**

**Andarei perante o Senhor, na terra dos viventes.**

**Cri, por isso falei; estive muito aflito.**

**Eu dizia na minha precipitação: Todos os homens são mentirosos.**

**Que darei eu ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito?**

**Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor.**

**Pagarei os meus votos ao Senhor, na presença de todo o seu povo.**

**Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos.**

**Ó Senhor, deveras sou teu servo; sou teu servo, filho da tua serva; soltaste as minhas cadeias.**

**Oferecer-te-ei sacrifícios de ação de graças, e invocarei o nome do Senhor.**

**Pagarei os meus votos ao Senhor, na presença de todo o seu povo,**

**nos átrios da casa do Senhor, no meio de ti, ó Jerusalém! Louvai ao Senhor!**

### **Salmo 117:**

**Louvai ao Senhor todas as nações, exaltai-o todos os povos.**

**Porque a sua benignidade é grande para conosco, e a verdade do Senhor dura para sempre. Louvai ao Senhor!**

### **Salmo 118:**

**Dai graças ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua benignidade dura para sempre!**

**Diga, pois, Israel, "A sua benignidade dura para sempre."**

**Diga, pois, a casa de Arão, "A sua benignidade dura para sempre."**

**Digam, pois, os que temem ao Senhor, "A sua benignidade dura para sempre."**

**Do meio da angústia invoquei o Senhor; o Senhor me ouviu, e me pôs em um lugar largo.**

O Senhor é por mim, não recearei; que me pode fazer o homem?

O Senhor é por mim entre os que me ajudam; pelo que verei cumprido o meu desejo sobre os que me odeiam.

**É melhor refugiar-se no Senhor do que confiar no homem.**

**É melhor refugiar-se no Senhor do que confiar nos príncipes.**

Todas as nações me cercaram; mas em nome do Senhor eu as exterminei!

Cercaram-me, sim, cercaram-me por todo lado; mas em nome do Senhor eu as exterminei!

Cercaram-me como abelhas, mas apagaram-se como fogo de espinhos; pois em nome do Senhor eu as exterminei!

Com força me impeliste para me fazeres cair, mas o Senhor me ajudou.

O Senhor é a minha força e o meu cântico; tornou-se a minha salvação.

**Nas tendas dos justos há jubiloso cântico de vitória; a destra do Senhor faz proezas.**

**A destra do Senhor se exalta, a destra do Senhor faz proezas.**

**Não morrerei, mas viverei, e contarei as obras do Senhor.**

**O Senhor castigou-me muito, mas não me entregou à morte.**

Abre-me as portas da justiça, para que eu entre por elas e dê graças ao Senhor.

Esta é a porta do Senhor; por ela os justos entrarão.

Graças te dou porque me ouviste, e te tornaste a minha salvação.

**A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular.**

**Foi o Senhor que fez isto; é maravilhoso aos nossos olhos.**

Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele.

Ó Senhor, salva, nós te pedimos; ó Senhor, nós te pedimos, envia-nos a prosperidade!

Bendito aquele que vem em nome do Senhor; da casa do Senhor vos bendizemos.

**O Senhor é Deus, e nos concede a luz; atai a vítima da festa com cordas às pontas do altar.**

Tu és o meu Deus, e eu te darei graças; tu és o meu Deus, e eu te exaltarei.

**Dai graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre.**

Ao lermos o Salmo 136, por favor responda com o refrão, "porque a sua benignidade dura para sempre."

### **Salmo 136:**

**Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque a sua benignidade dura para sempre.**

**Dai graças ao Deus dos deuses, porque a sua benignidade dura para sempre.**

**Dai graças ao Senhor dos senhores, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Ao único que faz grandes maravilhas, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Àquele que com entendimento fez os céus, ... [e] estendeu a terra sobre as águas, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Àquele que fez os grandes luminares, ... o sol para governar o dia, ... a lua e as estrelas para presidirem a noite, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Àquele que Feriu o Egito nos seus primogênitos ... e tirou a Israel do meio deles... com mão forte e com braço estendido, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Àquele que dividiu o Mar Vermelho em duas partes ... e fez Israel passar pelo meio dele..., mas derrubou a Faraó com o seu exército no Mar Vermelho, porque a sua benignidade dura para sempre;**

**Àquele que guiou o seu povo pelo deserto, porque a sua benignidade dura para sempre;**

***Àquele que feriu os grandes reis ... e deu a morte a reis famosos, ... a Siom, rei dos amorreus, ... e a Og, rei de Basã, ... e deu a terra deles em herança, ... sim em herança a Israel, seu servo, porque a sua benignidade dura para sempre.***

***Que se lembrou de nós em nossa humilhação, ... e nos libertou dos nossos inimigos, porque a sua benignidade dura para sempre;***

***[Àquele] que dá alimento a toda a carne, porque a sua benignidade dura para sempre.***

***Dai graças ao Deus dos céus, porque a sua benignidade dura para sempre.***

**Bênção:** "Bendito sejas Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha."

*[Toma-se o quarto cálice.]*

**Louvor:**

*Não a nós, Senhor, Não a nós, Senhor, mas ao Teu nome dá glória,  
por amor da Tua misericórdia, e da Tua fidelidade!*

*Por que perguntam as nações, "Onde está vosso Deus?"*

*Nos céus está o nosso Deus, e tudo faz como Lhe agrada!*

*Não a nós, Senhor, Não a nós, Senhor, mas ao Teu nome dá glória,  
por amor da Tua misericórdia, e da Tua fidelidade!*

*Por que confiam as nações em our, prata e riqueza,*

*E se apartam do Senhor que é fonte de todas as bênçãos?*

*Não a nós, Senhor, Não a nós, Senhor, mas ao Teu nome dá glória,  
por amor da Tua misericórdia, e da Tua fidelidade!*

*Não a nós, Senhor, Não a nós, Senhor, mas ao Teu nome dá glória,  
por amor da Tua misericórdia, e da Tua fidelidade!*

... ..

A prática hasídica é de preparar o copo de Elias com todos despejando um pouco de seus copos num cálice comum, simbolicamente dizendo que precisamos nos juntar para trazer Elias, o precursor do Messias e a redenção final<sup>165</sup>.

*[Ergue-se o cálice de Elias na mão direita.]* Mas nós temos o cálice já preparado, e todos tomamos dele, pois não só Elias, mas o próprio Cristo já veio e nos tem resgatado, inaugurando o reino em nossas vidas.

*[Ergue-se a matsá na mão esquerda mantendo o cálice erguido.]* Com este cálice, repartimos a matsá, representando o Pão da Vida que é por nós, aquele que como o afikomen foi envolto em linho e escondido, mas já foi encontrado. Ressurgiu, dando-nos esperança de nova vida, em fé aceitando a Jesus, como Senhor e Salvador, o nosso Messias tão esperado.

<sup>165</sup> STRASSFELD, 33.

## ***Comidas e Artigos Necessários Para o Seder:***

**Charôsset** (suficiente para todos comerem com as ervas amargas) Receita a seguir.

**Salsa** (suficiente para todos comerem ramos mergulhados em água salgada)

**Ervas amargas** (rúcula ou radite suficiente para todos comerem ao menos duas folhas)

**Velas brancas** (pelo menos duas para estarem acesas durante toda a festa)

**Castiçal** (segundo o número de velas)

**Toalha de mesa** (branca, preferencialmente de renda)

**Arranjo de flores/Arranjo de frutas**

**Saladeira** (para a colocação das comidas simbólicas do prato do Seder)

**Pratos fundos com água salgada** (acessíveis para todos os participantes mergulharem ramos de salsa)

**Pratos/saladeiras** (para salsa, para as ervas amargas e para matzot)

**Matzot** (pão sem levedura, pode ser conseguido em lojas judaicas como o *Le Chaim* no Bairro Bom Fim de Porto Alegre, Rua Francisco Vieira) média de uma caixa para dez participantes

**Taças/copos pequenos** (100ml para os cálices a serem tomados por todos, preferencialmente com pires)

**Pano de linho branco** para cobrir três matzot

**Pano de linho branco** para embrulhar e esconder o afikommen (melhor se bordado)

**Comidas sem levedura** e que não crescem ao serem cozidas (batata, verduras, saladas, frutas)

**Suco de uva/Vinho** (1/2 litro por participante)

**Bebidas para a refeição** (pode-se usar suco, água, ou outra bebida, preferencialmente não refrigerante)

### ***Pratos, talheres, copos***

**Jarra para servir o suco/vinho** (com um grupo grande, mais de uma para ajudar a servir—uma para cada 5 participantes)

**Taça, Prato, Talheres** para “Elias” (conjunto mais bonito em destaque para Elias)

**Hagadot** (guia de ordem para todos, projetado em tela ou cópias individuais)

**Brindes** (opcional) para cada pessoa. Estes são usados depois da busca do afikommen.

### ***Receita para Charôsset:***

Ingredientes: Frutas secas, nozes e maçãs todas picadas, canela em pó, canela em casca e suco de uva/vinho (A mistura final deve ter a aparência de argamassa).

As frutas secas, nozes e maçãs devem todas ser picadas o mais fino possível. Devem ser logo misturadas com um pouco de suco de uva ou vinho e canela em pó até dar a consistência de argamassa. O ideal é que as crianças ou mesmo todos os participantes ajudem a preparar o charôsset, o tempo será gasto não apenas no picar e misturar, mas em retratar o simbolismo<sup>166</sup> dos ingredientes do charôsset. Ao final do preparativo, acrescenta-se a canela representando a palha utilizada na fabricação de tijolos.

<sup>166</sup> Ver passo número 9.

## ***Bibliografia do Seder do Pêssach:***

- FRIEDLIN, Jairo. *Hagadá de Pêssach*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 1993.
- KOLACH, Alfred J. *Livro Judaico dos Porquês, 2ª Edição*. Tradução de Dagoberto Mensch, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 1995. (original em inglês, 1981).
- LAAN, Ray Vander. “His Body, His Blood” em *Focus on the Family*. Artigo incluído na edição da revista do mês de abril de 1999. <http://www.fotf.org/goodread/a0005234.html> acessado a 21 de setembro de 1999. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- PALATNIK, Lori. *Friday Night and Beyond: The Shabbat Experience Step-by-Step*. Northvale, New Jersey: Jason Aronson Inc, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- SCHEINERMANN, Rabbi Amy R. Passover Seder. Escrito em 1997. <http://ezra.mts.jhu.edu/~rabbiaars/pesach/haggadah.html> acessado a 21 de setembro de 1999. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- STRASSFELD, Michael. *Jewish Holidays, The: A Guide and Calendar*. New York: Harper & Row, 1985. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- WOLFSON, Ron. *The Art of Jewish Living: The Passover Seder*. Woodstock, Vermont: Jewish Lights Publishing, 1996. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

## ***Bibliografia—Eclesiologia:***

- ACHTMEIER, Paul. *Romans: Interpretation, A Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1985. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- ALBRIGHT, W. F. e C. S. Mann, *Anchor Bible, Matthew, The: A New Translation with Introduction and Commentary*. Garden City, New York: Doubleday & Company, 1971.
- ALLEN, Clifton J. *The Broadman Bible Commentary, Volume 10: Acts – 1 Corinthians*. Nashville: Broadman Press, 1970.
- BARTH, Karl. *The Epistle to the Romans*. Traduzido por Edwyn C. Hoskins. London: Oxford University Press, 1968. (traduzido do alemão da sexta edição, 1932). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, Second Edition*. Traduzido, revisado e ampliado por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, Chicago: University of Chicago Press, 1979 (original em alemão, 1958). (citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Tradução de Odacyr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. (Original em inglês, 1949).
- BERQUIST, Millard J. *Studies in First Corinthians*. Nashville: Convention Press, 1980. (citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BRUCE, F. F. *The Letter of Paul to the Romans: An Introduction and Commentary*. Leicester, England: Inter-Varsity Press, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BORING, M. Eugene. *Revelation: Interpretation, A Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1989. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- BITTENCOURT, Benedito de Paula. *Problemas de uma Igreja Local: A Igreja em Corinto e a Igreja Contemporânea*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.
- CONNER, Walter Thomas. *Revelação e Deus, segunda edição*. Tradução de Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- ERICKSON, Millard J. *Christian Theology, Unabridged in one volume*. Grand Rapids: Baker BookHouse, 1996. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

- \_\_\_\_\_. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). [Esta obra é um resumo simplificado da obra mais completa, *Christian Theology*.]
- \_\_\_\_\_. *Opções Contemporâneas na Escatologia*. São Paulo: Vida Nova, 1986. (Original em inglês, 1977).
- FEE, Gordon. *The First Epistle to the Corinthians: New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- HALLEY, Henry H. Tradução de David A. Mendonça. Ampliação, revisão e atualização de Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- HAYS, Richard B. *First Corinthians: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Louisville: John Knox Press, 1997. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- HEMPHILL, Kenneth S., editor chefe *Southwestern Journal of Theology, Volume 40, Number 2, Spring 1998: The Kingdom of God*. Fort Worth, Texas: A. Webb Roberts Library, 1998. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- KITTEL, Gerhard, and Gerhard Friedrich, Editors. *The Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985, [Online] Available: Logos Library System. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- LEONARD, Bill J. *The Nature of the Church: Layman's Library of Christian Doctrine*. Nashville: Broadman Press, 1986. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MAYS, James L., editor. *Harper's Bible Commentary*. San Francisco: Harper & Row, 1988. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament, Second Edition (A Companion Volume to the United Bible Societies' Greek New Testament, Fourth Revised Edition)*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MILNE, Bruce. *Ensinando as Doutrinas Bíblicas*. Traduzido por Neyd Siqueira. São Paulo: ABU Editora, 1996. (Original em inglês, 1982).
- MOODY, Dale. *Word of Truth, The: A Summary of Christian Doctrine Based on Biblical Revelation*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MORRIS, Leon. *The Gospel According to Matthew*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MOUNCE, Robert H. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Mateus*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996. (original em inglês, 1985).
- NESTLE, Eberhard et al. *Novum Testamentum Graece, editione vicesima septima revisa*. Stuttgart: Deutche Bibelgesellschaft, 1995. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary, Volume 35B: Luke 9.21-18.34*. Dallas: Word Books, Publisher, 1993.
- RIENECKER, Fritz e Cleon Rogers. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. Tradução de ordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. (Original em alemão, 1970, traduzido do inglês, 1980).
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament, Volume IV: Epistles of Paul*. Nashville: Broadman Press, 1933, 1960. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- \_\_\_\_\_. *Word Pictures in the New Testament, Volume VI: The General Epistles and The Revelation of John*. Nashville: Broadman Press, 1933, 1960. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- STAGG, Frank. *New Testament Theology*. Nashville: Broadman Press, 1962. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Livro de Teologia do Novo Testamento por professor da Southern Baptist Theological Seminary. O autor foi também professor da New Orleans Baptist Theological Seminary durante vinte e quatro anos. Foi Ph. D. da Southern Baptist Theological Seminary, com estudos de pós-doutorado em Edinburgh e na Suíça.].
- URETA, Floreal. *Elementos de Teologia Cristã*. Tradução de Delcyr de Souza Lima. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. (Original em espanhol, 1988).

- WARREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. Tradução de Carlos de Oliveira. São Paulo: Editora Vida, 1997. (Original em inglês, 1995).
- WATTS, John D.W. *Word Biblical Commentary, Volume 24: Isaiah 1-33*. Dallas, Texas: Word Books, 1998, [Online] Available: Logos Library System.
- WILLIS, Avery. Regional Council Meeting, Eastern South America. Sermão pregado no dia 31 de março de 1999, Belo Horizonte, MG.